

**UNICENTRO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
EM DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO**

FRANCIELI MARIA BARELLA

**O CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL (RE)TRATADO SOB A ÓTICA DA
ANÁLISE COLETIVA DO TRABALHO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**IRATI
2017**

FRANCIELI MARIA BARELLA

**O CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL (RE)TRATADO SOB A ÓTICA DA
ANÁLISE COLETIVA DO TRABALHO**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, área de Desenvolvimento Comunitário, da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

Orientador: Prof. Dr. Erivelton Fontana de Laat

**IRATI
2017**

Catálogo na Fonte
Biblioteca da UNICENTRO

BARELLA, Francieli Maria.

B248 O Catador de Material Reciclável (Re)Tratado sob a Ótica da
Análise Coletiva do Trabalho / Francieli Maria Barella. – Irati, PR : [s.n],
2017.
85f.

Orientador: Prof. Dr. Erivelton Fontana de Laat
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em
Desenvolvimento Comunitário. Linha de Pesquisa: Processos do
desenvolvimento humano nos contextos comunitários. Universidade Estadual
do Centro-Oeste, PR.

1. Análise Coletiva do Trabalho. 2. fotografia pinhole. 3. fotografia
analógica. 4. Catadores de Materiais Recicláveis. I. Laat, Erivelton Fontana de.
II. UNICENTRO III. Título.

CDD 614.981

TERMO DE APROVAÇÃO

FRANCIELI MARIA BARELLA

O CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL (RE)TRATADO SOB A ÓTICA DA ANÁLISE COLETIVA DO TRABALHO

Dissertação aprovada em 28/09/2017, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, área de concentração: Desenvolvimento Comunitário, da Universidade Estadual do Centro Oeste, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Erivelton Fontana de Laat
Instituição: UNICENTRO

Prof. Dr. Ancelmo Schorner
Instituição: UNICENTRO

Prof. Dra. Jaqueline Tittoni
Instituição: UFRGS

Irati, 28 / 09 / 2017.

Ao café e a camomila, a camomila e ao café.

AGRADECIMENTOS

O amor tem inúmeras manifestações: pai, mãe, filho, filha, irmão, irmã, tio, tia, primo, prima, avô, avó, bisavô, bisavó, neto, neta, bisneto, bisneta, conhecido, conhecida, amigo, amiga, amante, amada, professor, professora, aluno, aluna, discípulo, discípula, mestre, mestra, chefe, chefe, presidente, diretora, funcionária, colaboradora, secretária, corredora, treinador, treinado, treinadora, pássaro, cachorro, gato, cavalo, galo, tartaruga, jabuticaba, gabioba, tanajura – tantas maneiras de amar e ser amada.

Amar a terra e dela receber suporte, amar as plantas, o vento, a distância, as montanhas íngremes, os mares distantes. Amar o olhar sagrado que nos acolhe e recolhe nossos pedaços, partidos nos tropeços da vida, quando nos afastamos da fonte cristalina e incessante.

Portanto, seria ilógico não agradecer e amar a cada uma dessas coisas citadas acima, até mesmo a gabioba que fez a grama verde mais colorida num dia de passeio e descanso pelo meio rural da minha cidade.

Gratidão e saudades do meu pequeno talismã, que se foi sem que eu pudesse lhe dar o último abraço enquanto eu produzia as frases contidas nessa dissertação. Tantas vezes eu reclamei que você deitava em cima do teclado do computador, querendo carinho, ou me acordava no meio da noite querendo ração fresca e “atrapalhava” meu sono e estudos. Que tola eu fui... eu imaginava a dor que eu sentiria sem você mas jamais, jamais a intensidade e profundidade dela. Meu Bebê gato, você sempre será parte desse meu caminho acadêmico! Obrigada por ter adocicado, iluminado e “afofado” ele! Obrigada por me ensinar a vigiar meus pensamentos e palavras!

Meu sincero Obrigada ao meu Orientador Professor Dr. Erivelton, que soube me acolher quando eu “sumi” após o sumiço do meu gato, e por ser quem é, me deu força para nos momentos de desespero ter força para levantar a cabeça e enfrentar os desafios, talvez ele nem imaginasse que só poder contar com sua figura me auxiliou grandemente e foi sim, um bom “pai” e orientador, pois me deixou alçar vôo numa metodologia nova e usar fotos “diferentes”.

“Sempre que se conta um conto de fadas, a noite vem. Não importa o lugar, não importa à hora, não importa a estação do ano, o fato de uma história

estar sendo contada faz com que um céu estrelado e uma lua branca entrem sorrateiros pelo beiral e fiquem pairando acima da cabeça dos ouvintes. Às vezes, ao final de um conto, o aposento enche-se de amanhecer; outras vezes um fragmento de estrela fica para trás, ou ainda uma faixa de luz rasga o céu tempestuoso. E não importa o que tenha ficado para trás, é com essa dádiva que devemos trabalhar: é ela que devemos usar para criar alma.”

Trecho extraído do livro Mulheres lobas, em especial para a maior Mulher Loba da minha vida, MINHA MÃE, que me ensinou tanto a gostar de ler e “fantasiar” e que até hoje, se eu penso em conto de fadas, eu não penso em nenhum livro escrito por algum escritor famoso, eu lembro exatamente da história do veadinho marronzinho de pintinhas amarelas que por tantas vezes ela me contou antes de dormir...

Gratidão a tudo que se materializou *pós morte*, as orquídeas e o jardim do Vô Pedro, símbolo máximo de Homem pra mim, sabia ser o mais forte e mais doce dos homens e que hoje eu honro cuidando de cada planta e “pedra” que eu resgatei quando seu corpo deixou de estar perto de mim! Vó Anastácia, como não se inspirar em você com seus cabelos branquinhos, noventa e tantos anos e lendo, sempre seu jornal em língua ucraniana na varanda. Quando tinha uma prova difícil era em vocês dois que eu pensava, um me dando força e outra sabedoria.

Ao meu pai pelo dom da vida, aos avôs paternos pelo vinho e polenta!

A minha irmã, modelo de estudante que eu sempre corri atrás!

Amor e gratidão aos erros que me levaram aos acertos, aos desvios do Universo que nos carregam ao melhor caminho. Nesta sentença entram os seres de luz que por gravidade, força, magnetismo, físico-química, me empurraram para a minha amada Eng. Ambiental! Nomeando um curso e meus até hoje amigos da Física e um estabelecimento de ensino e as rosas do seu jardim: Colégio @Liane das antigas!

Gratidão a quem é de Gratidão, @Mafaldinhas que me deram força e luz no árduo intento Florestal, as minhas parceiras de escala Vera e Jael que tantas vezes trocaram horas comigo. A minha chefe Gilda e mãe postiça Elô, pedagogas que eu respeito!

Meus @Possus! Sem vocês eu não seria Engenheira! Cada um com seu dom e talento, seja a Amanda pra me puxar pra estudar, o João pra me explicar, a Fer pra ir pras Nejas e a Thais pra nos trazer paz! E as meninas que saíram antes de Irati, mas não saíram do coração! Lud, Maxy, Fabi e Caróis!

A quem surgiu ou reafirmou-se nessa pós graduação, Isa e Edi!

Ao meu grande amigo e maior incentivador Cristian e sua sinceridade que tanto me norteou.

Minha paz chamada Lucas e sua plaquinha fluorescente “POR AQUI, POR AQUI” me dando Luz em uma fase conturbada da minha vida. Que de quebra me trouxe sua irmã e a Dal.

Ao Sr. Domingos pela paciência e alegria ao me ajudar a revelar as fotos.

Obviamente aos meus “objetos” de pesquisa, e seus sorrisos no meio dos dias que trabalhei com eles e a bióloga Aldeli.

E aquele Obrigada a Professora Micheli Cervo que me indicou as pesquisas da Prof. Jaqueline e me deu um novo ânimo sobre tudo isso.

A quem sempre esteve no olho do furacão, e agüentou firme.

Minha gratidão “principal” às tantas “entre aspas” que usei nesse trabalho, pois eram tantas palavras de difícil real passional significação, que seria só o apelo a essa “pontuação” a satisfatória saída.

Gratidão UNIVERSO!

"Se cada um cultivar afeto, beleza e lealdade em seu ambiente, por pequeno que seja, isso há de espalhar claridade no mundo."

(Lya Luft)

RESUMO

BARELLA, F. M. **O Catador de material reciclável (re)tratado sob a ótica da Análise Coletiva do Trabalho**. 2017. 84 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Centro Oeste, Irati, 2017.

O objetivo do estudo foi compreender a profissão dos Catadores de Materiais Recicláveis, sob a luz da Análise Coletiva do Trabalho (ACT), trabalhadores da AGECO (Associação Agentes Ecológicos Materiais Recicláveis de Prudentópolis), na região centro Sul do estado do Paraná. O embasamento teórico ficou concentrado na significação das fotos tiradas pelos próprios trabalhadores feitas com a “câmera” *pinhole* fabricadas por eles. Verificou-se o sentimento de descaso e abandono que eles sentem em relação a sua profissão, tanto do poder público como da população, um pela não manutenção do ambiente físico de trabalho deles e outros pela incorreta e pequeno volume triado de resíduos que chegam até a AGECO. Assim, conclui-se que o desenvolvimento desta comunidade perpassa por um conjunto de fatores internos e externos a esses trabalhadores e que mesmo sendo vista como uma profissão marginalizada pode-se extrair arte e sentimentos, assim como nas imagens analógicas feitas com as câmeras *pinhole*, onde num primeiro contato tem-se o negativo, com imagens pouco nítidas e escuras, mas ao passarem pelos processos de revelação, analogamente ao processo de conhecimento e entendimento do trabalho dessas pessoas, as imagens se tornam muito mais nítidas e claras, um olhar tanto negativo como positivo dessa categoria de trabalhadores.

Palavras-chave: Análise Coletiva do Trabalho, fotografia *pinhole*, fotografia analógica, Catadores de Materiais Recicláveis.

ABSTRACT

BARELLA, F. M. **The Recyclable Material Collector (re)treated from the perspective of the Collective Labor Analysis.** 2017. 84 f. Dissertation (Master Degree) – Universidade Estadual do Centro Oeste, Irati, 2017.

The main of the study was to understand the profession of Recyclable Material Collectors in the light of the Collective Analysis of Work (ACT) that work in AGECO (Association of Ecological Agents of the Recyclable Materials of Prudentópolis), in the southern center of the state of Paraná, Brazil. The theoretical background was focused on the significance of the photos taken by the workers themselves made with the pinhole camera manufactured by them, with the following ACT question: "What do you do at work?". From the photos, a conversation with the workers and a field diary, there was a feeling of neglect and abandonment that they felt in relation to their profession, both the public authorities and the population, one for not maintaining the physical environment of their work and others for the incorrect and meager separation of the waste that arrive to AGECO. Thus, it is concluded that the development of this community runs through a set of internal and external factors to these workers and that even being seen as a marginalized profession we can extract art and feelings, as well as the analogical images made with the pinhole cameras, where at the first contact we have the negative, with images that are not very clear and dark, but when passing through the processes of revelation, where an analogy can be made to the process of knowledge and understanding of the work of these people, the images become much sharper and clear, a negative and positive view at this category of work.

Key-words: Collective Labor Analysis, Pinhole photography, Analog photography Collectors of Recyclable Materials.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REVISÃO DA LITERATURA	19
2.1 SAÚDE AMBIENTAL, COMUNITÁRIA E DO TRABALHADOR.....	19
2.2 HISTÓRICO DA PROFISSÃO CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL.....	26
2.2.1 O CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL NO MUNDO.....	28
2.2.2 O CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL NO BRASIL.....	29
2.3 ANÁLISE COLETIVA DO TRABALHO (ACT)	30
2.4 AS FOTOGRAFIAS <i>PINHOLES</i>	34
3 MATERIAL E MÉTODO	38
3.1 TIPO DE PESQUISA	40
3.2 CENÁRIO DA PESQUISA	41
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA	44
3.4 COLETA DE DADOS	47
3.5 MATERIALIZAÇÃO DAS FOTOS	49
3.6 ANÁLISE DOS DADOS	54
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	55
4.1 O TRABALHO REAL E O PRESCRITO.....	56
4.2 O NEGATIVO DAS FOTOGRAFIAS E O POSITIVO DAS FOTOGRAFIAS	64
4.3 OUTRAS CONSIDERAÇÕES.....	71
5 CONCLUSÃO	75
6 REFERÊNCIAS	77

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Prédio em frente ao laboratório de revelação das fotos <i>pinholes</i> em dia de teste.	40
Figura 2: Caminhão no qual os associados vão e retornam da associação.....	42
Figura 3: Transporte e chegada dos associados no barracão de triagem.....	43
Figura 4: Barracão e resíduos.....	43
Figura 5: Barracão e resíduos pós terceirização da coleta seletiva no município.....	44
Figura 6: Ponto de encontro para ir até o trabalho.....	46
Figura 7: Construção das câmeras fotográficas.....	48
Figura 8: Ambiente do barracão escolhido para a conversa sobre as fotos.....	49
Figura 9: Construção das câmeras fotográficas.....	51
Figura 10: Caixa com as câmeras.....	52
Figura 11: Botão inverter.....	53
Figura 12: Tonalizando as fotos.....	54
Figura 13: Prensas.....	60
Figura 14: Pilha de rejeitos.....	61
Figura 15 Negativo: O atual presidente da associação.....	63
Figura 15 Positivo: O atual presidente da associação.....	63
Figura 16 Negativo: As cercas da associação no positivo.Fonte: Associados AGECO, 2017, analógica.....	65
Figura 16 Positivo: As cercas da associação no positivo.Fonte: Associados AGECO, 2017, analógica.....	65
Figura 17 Negativo: A guarita do guardião e o banco vazio.Fonte: Associados AGECO 2017, analógica.....	66
Figura 17 Positivo: A guarita do guardião e o banco vazio. Fonte: Associados AGECO 2017, analógica.....	66
Figura 18 Negativo: Exemplo de foto não nítida, mas que se percebe o barracão da associação.....	66
Figura 18 Positivo: Exemplo de foto não nítida, mas que se percebe o barracão da associação.....	66
Figura 19 Negativo: “Alvéolos pulmonares”.Fonte: Associados AGECO, 2017, analógica. ..	68
Figura 19 Positivo: “Alvéolos pulmonares”.Fonte: Associados AGECO, 2017, analógica.	68
Figura 20 Negativo: O barracão da associação.....	69
Figura 20 Positivo: O barracão da associação.....	69

Figura 21 Negativo: A foto perfeita. Fonte: Associados AGEKO, 2017, analógica.....	70
Figura 21 Positivo: A foto perfeita. Fonte: Associados AGEKO, 2017, analógica.....	70
Figura 22 Negativo: Caminhão da coleta seletiva.....	71
Figura 22 Positivo: Caminhão da coleta seletiva.	71
Figura 23 Negativo: Associado em hora de descanso.....	72
Figura 23 Positivo: Associado em hora de descanso.....	72
Figura 24: Exemplo de furo maior que o desejável.	73

LISTA DE SIGLAS

ABRELPE: Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais

ACT: Análise Coletiva do Trabalho

AGECO: Associação Agentes Ecológicos Materiais Recicláveis de Prudentópolis

CBO: Código Brasileiro de Ocupação

CONAMA: Conselho Nacional de Meio Ambiente

COOPAMARE: Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis

EPI: Equipamentos de Proteção Individual

EES - Empreendimentos Econômicos Solidários

IBGE: Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística

OMS: Organização Mundial da Saúde

ONU: Organização das Nações Unidas

PNRS: Política Nacional de Resíduos Sólidos

RSU: Resíduos Sólidos Urbanos

SEBRAE: Serviço brasileiro de apoio às micro e pequenas empresas

SUS: Sistema Único de Saúde

1 INTRODUÇÃO

Poluir é um ato cultural, pois tudo o que o homem transforma na natureza através do seu trabalho é parte de sua cultura (BRANDÃO, 2007). Qualquer vida gera resíduos, seja excrementos, sua carcaça ou suas partes vegetativas, como folhas e frutos. A concentração, seu potencial poluidor e a destinação destes resíduos é o que determina sua relevância. Mesmo o homem das cavernas poluía, ao deixar seus “restos” nas cavernas que habitava, temporariamente enquanto nômade, ou pós-domínio do fogo e das sementes há aproximadamente 10 mil anos (FOLADORI e TAKS, 2004).

Em toda a história da civilização humana para mascarar o perigo advindo dos resíduos, estes são mandados para longe, “saneando” nossos pensamentos em relação a eles. Impregnando-os de uma imagem negativa, exclusiva, de restos, sujidade, doença, morte e miséria e retirando-lhes a ideia de utilidade (EIGENHEER, 2009).

Quando os homens viviam nas cavernas registravam seus feitos como caças e plantações através de símbolos, criando assim processos comunicativos que priorizavam a natureza como objeto de retrato, esta logo se tornou um personagem da vida humana e não meramente um cenário (ROCHA, 2014).

Com a agricultura e o pastoreio dos animais, a quantidade desses resíduos aumentou e a escala só cresceu com o advento das cidades, a Revolução Industrial e o acréscimo significativo da população, junto com práticas inadequadas de gestão e tratamento dos resíduos, sejam sólidos, líquidos ou gasosos. Essa vida urbana que emerge como fonte da civilização (VEIGA, 2014), acabou como sinônimo de sujidade e deu certa afetação social consumista a uma burguesia emergente.

Velloso (2008) especifica que a arte teve uma relevante conexão com o “lixo” na década de 60 dentro do movimento hippie e de estudantes que usaram a moda na busca de direitos e desejos proibidos, contestando o sistema da ditadura militar ao usar roupas velhas e desbotadas, e com esse modismo retornando à prática de reaproveitar o “usado”, buscando a redução na produção desses bens de consumo.

Os bens de consumo surgem tem de serem fabricados, e isso é feito por homens ou máquinas dentro de lugares, como fábricas por exemplo. Emergindo assim o trabalho, caso todo o trabalho se extinguisse a humanidade pereceria rapidamente, de doenças, frio e até mesmo fome. Esse perecer seria infinitamente

mais rápido que caso outros setores parassem, como a reprodução humana, por exemplo, (FERREIRA, 1993).

O que sobra do que foi produzido a partir do trabalho são restos de recursos naturais, que em parte da história humana foram percebidos como rentáveis e os olhos do capitalismo cresceram sobre eles objetivando-os como mercadoria e criando um novo cenário para se trabalhar, as cooperativas/associações de catadores.

Embora muito bem marcada, a tensão positiva/negativa que o lixo produz entre o valor da vida humana de seus trabalhadores, com o risco de acidentes de trabalho, mortes, transmissão de doenças tanto aos cooperados/associados como aos munícipes e ao valor de mercado que este representa, visto sob o ângulo dos quase “clichês” argumentos: poupador de recursos naturais, fornecedor de matéria prima, protetor de biodiversidade, novos produtos para o mercado, gerador de emprego, renda e “dignidade” (CURI e PEREIRA, 2013).

Em quase todas as produções científicas sobre o Trabalho dos catadores percebe-se uma fala emocionante, sugestiva, estabelecendo cada papel desempenhado não apenas uma explicação tediosa dos rituais de trabalho e sim um modo de expandir a linha de visão, “sem” a pesada carga do preconceito, que afasta essa profissão da beleza intrínseca a qualquer outra que diante da atual sociedade higienista e consumista possa ter maior visibilidade ou “mais valia” (FERREIRA, 1993).

Crimes contra estes profissionais não são incomuns, visto da sua invisibilidade e exclusão social, por sobreviverem do que é descartado. Não raro ganham o status de “descartáveis” como os materiais com os quais trabalham. A partir dessa ideia de valorização destes profissionais que se buscou ressignificar as sucatas encontradas nos resíduos que chegam ao barracão e fazer as câmeras artesanais chamadas *pinholes*.

Há muita riqueza produzida no cotidiano do trabalho, pois o sujeito vive uma realidade dialética, fazendo e se fazendo enquanto constrói seu mundo, subjetivando-se “aos modos de andar a vida” e aos acontecimentos do cotidiano do trabalho. Colocar os trabalhadores como fotógrafos do seu trabalhar, é uma forma de aproximar o sujeito trabalhador do seu objeto trabalhado, facilitando a análise de sua atividade e as condições que esta se sucede. Eles assim elegendo o foco (o que

fotografaram) da Análise Coletiva do seu trabalho, suas escolhas, soluções, impasses e impotências pessoais e do grupo (BRINGMANN, *et. al.* 2008).

A *pinhole* é uma forma alternativa e analógica de se produzir fotografias sem o uso dos equipamentos tradicionais, utilizando-se poucos e simples materiais, contudo gerando resultados encantadores. Ela não possui lentes, tendo o pequeno furo feito pela agulha agindo como lente e diafragma fixo no lugar de uma objetiva. Basicamente a *pinhole* é uma lata toda fechada onde não existe luz na qual a imagem produzida apresenta uma profundidade de campo, quase infinita necessitando dos antigos processos químicos de revelação.

Guran (2000a) descreve que de maneira geral o processo de revelação transforma os negativos em positivos, gera expectativa no porvir, remete ao passado, remexe lembranças, traz efeitos e afetos, afeta! E nesse afetar, remexer, ressignifica, transpõe barreiras, produz vivências, experiências e é nisso que se baseia a Análise Coletiva do Trabalho!

A motivação por este objeto de pesquisa veio primeiramente da formação em Engenharia Ambiental da autora e do doutorado do seu orientador em Ergonomia do Trabalho, por conseguinte da alta exposição aos riscos ocupacionais que estes trabalhadores são impostos, bem como do possível sofrimento mental que a negligência das autoridades municipais e população quanto à dignidade dessa profissão e da sua contribuição para promoção de um meio ambiente equilibrado para as atuais e futuras gerações como prerrogativa a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 225.

Justo, pois que a relevância desta pesquisa vem da importância ambiental e social que a coleta seletiva representa na atual sociedade capitalista. Na proteção da saúde coletiva e redução do consumo de novos recursos naturais e vidas humanas.

Não basta fortalecer, demonstrar os riscos da sua profissão aos catadores, mas descortinar à sociedade e ao poder público o valor destes profissionais como agentes de saúde ambiental e a importância de dar suporte social a eles, não só através dos benefícios advindos do poder público federal, estadual, mas também do próprio município, como promoção da Educação Ambiental da população com palestras em escolas, dentre outras atividades a serem realizadas pela Secretaria de Meio Ambiente, caminhões para transporte dos materiais até o barracão de triagem e condições adequadas neste barracão para o trabalho destes profissionais.

Esperamos, assim, através dessa pesquisa, colaborar com uma maior investigação dos estudos ecocríticos e de saúde na gestão socioambiental dos Resíduos Sólidos Urbanos, pois o tema não tem apenas relevância no quesito produção científica, mas também na resolução de percalços no contexto histórico-social (RIGOTTO, 2003) à que a comunidade dos catadores de materiais recicláveis é exposta, reduzindo assim gastos evitáveis com Saúde Pública e melhorando a Qualidade de vida destes agentes de saúde ambiental, associando assim o trabalho destes profissionais a significados positivos (MIGUELES, 2004). Avigorando o papel dos governos locais e da sociedade no cumprimento de um dos lemas da Agenda 21: pensar globalmente e agir localmente.

Embora certos de que esta pesquisa é mais uma na busca da significação real da importância do trabalho dos catadores de materiais recicláveis na busca de um Desenvolvimento Comunitário Sustentável e da manutenção de um planeta saudável para as futuras gerações, buscar-se-á mostrar no decurso da presente pesquisa várias facetas interligadas e interdependentes que compõe o cenário do trabalho exposto na comunidade: Catadores de Materiais Recicláveis da AGECO Associação Agentes Ecológicos Materiais Recicláveis de Prudentópolis em um diálogo entre diversos setores do saber por meio da interdisciplinaridade.

O objetivo do estudo foi compreender a profissão dos Catadores de Materiais Recicláveis sob a luz da Análise Coletiva do Trabalho descrevendo a rotina deles visando a melhor adaptação as situações do trabalho (FERREIRA, MACIEL, & PARAGUAY, 1994) e ampliar sua capacidade analítica sobre o seu próprio fazer (FERREIRA, *et. al.* 2003; FERREIRA & IGUTI, 1996).

OBJETIVO GERAL

- Compreender a profissão dos Catadores de Materiais Recicláveis sob a luz da Análise Coletiva do Trabalho.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender e discutir a rotina de trabalho dos Catadores e Catadoras;
- Melhor adaptar os trabalhadores e trabalhadoras as situações do trabalho;
- Ampliar sua capacidade analítica sobre o seu próprio fazer.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 SAÚDE AMBIENTAL, COMUNITÁRIA E DO TRABALHADOR

Para ligar tais conceitos é imprescindível mergulhar em seus universos simbólicos como o conceito de poluição que deriva do latim *polluere*, significando “corromper” denotando a contaminação moral de uma pessoa e atualmente propondo “a mudança crucial de significado e próprio nascimento de uma nova maneira de ver e de pensar” (GARRARD, 2006, p. 21).

Saneamento, segundo Rezende e Heller (2002, p. 276) conceitua-se como um contexto amplo dentro da sobrevivência, história, organização e desenvolvimento próprio de cada civilização na busca de melhores condições de vida, pois o homem entendeu que sem condições sanitárias adequadas seria impossível desfrutar qualidade de vida.

Eigenheer (2009) igualmente coloca que esse afastar os resíduos já se fazia presente nas tribos nômades, como os israelitas, que influenciadas pela civilização ocidental cristã, possuíam regras para manter os acampamentos limpos, tal qual ilustra o texto de Deuteronômio 23:13-15:

Deverás prover um lugar fora do acampamento para as tuas necessidades. Junto com teu equipamento tenhas também uma pá. Quando saíres para fazer as tuas necessidades, cava com ela, e, ao terminar, cobre as fezes. Pois lahweh, teu Deus, anda para te proteger e para entregar-te os inimigos. Portanto, teu acampamento deve ser santo, para que lahweh não veja em ti algo de inconveniente e te volte às costas.

Já na antiga Roma, Século II d.C. a disposição final do lixo era organizada e o saneamento era tratado com seriedade. Roma seguiu o legado dos gregos a despeito de saúde e agregou engenheiros e outros profissionais no intento da consolidação de obras sanitárias (RIBEIRO, 2004).

Rocha (1993 apud LEITE, 1999) designa o lixo como resíduo desprezado e temido pelo homem, tendo este temor sido maximizado pós epidemias e pandemias de algumas doenças que assolaram a Europa no Século XIV, como a peste negra. Neste período histórico os “restos” resultantes das atividades humanas eram predominantemente orgânicos, produzidos pelos seus corpos e alimentação, como fezes, urina, cascas e as carcaças, tanto humanas como de animais.

O Renascimento foi um fértil período cultural da humanidade, impulsionado

por novas descobertas das ciências naturais, transformação espiritual do homem e culto das doutrinas filosóficas gregas e orientais. Este germe da renovação e criação não se gerou, nem se manteve em consoante com a natureza, ou pior, criou uma falsa hegemonia do homem sobre a natureza que se exacerbou com o passar dos séculos, junto com as navegações e o descobrimento de novas terras, plantas e animais e conseqüentemente com o aumento da geração e potencial poluidor dos Resíduos Sólidos.

Ribeiro (2004) assinala que dentre essas novidades científicas houve avanços na medicina e biologia, relacionadas ao corpo humano e às bactérias, colocando por terra a teoria da geração espontânea e miasmas, integrando assim a visão sistêmica das sujidades tanto das cidades como com as do corpo humano, inspirando assim o planejamento viário urbano na circulação e respiração humana, semelhante às artérias e veias, facilitando o arejamento do ar e o transporte de resíduos que saíam das casas por pequenos canos se acoplando a outros de dimensões maiores formando assim as redes de esgoto.

A Revolução Industrial acarretou também o aumento da população de operários assalariados oriundos principalmente do campo para suprir a necessidade de mão de obra, ou seja, que ganhavam a vida com este acréscimo da industrialização e urbanização desenfreada e não planejada (LOPES, 2008). Bem como o aumento do uso de recursos naturais para abastecimento das fábricas e fomento de um consumismo baseado no crescimento da riqueza e produção (CURI E PEREIRA, 2013).

A saúde e a força para o trabalho desses assalariados começou a ser levada em conta no relatório de Edwin Chadwick, *The Sanitary Conditions of the Labouring Population of Great Britain*, de 1842, o qual baseou a Reforma Sanitária na Inglaterra e associou as condições de sujeira, falta de drenagem, de abastecimento de água pura e coleta de lixo a problemas de saúde pública.

Conectando então a Engenharia e a sociedade no dever de garantir salubridade aos seus membros. Contudo a parte que concerne aos trabalhadores veio do medo de revoltas populares e do ônus à indústria que as doenças ligadas à sujeira trariam.

Engels em seu livro *Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, publicado primeiramente em 1845, descreve bem como resíduos e trabalhadores começaram a ser estigmatizados:

Todas as grandes cidades possuem um ou vários bairros de má reputação - onde se concentra a classe operária. [...] Habitualmente, as próprias ruas não são planas nem pavimentadas; são sujas, cheias de detritos vegetais e animais, sem esgotos nem canais de escoamento, mas em contrapartida semeadas de charcos estagnados e fétidos. Além disso, a ventilação torna-se difícil, pela má e confusa construção de todo o bairro, e como vivem muitas pessoas num pequeno espaço, é fácil imaginar o ar que se respira nestes bairros operários (ENGELS, 1986, p.70).

Na França, no mesmo século, a burguesia adota o hábito de arejar a casa após a presença, visita ou passagem de um trabalhador, pois estes por não ter as mesmas condições socioeconômicas mantinham-se à mercê de todas as doenças que o mau cheiro e a sujeira traziam (CORBIN, 1987).

Logo ter acesso a práticas de higiene e bons cheiros, significava riqueza e não participação no trabalho manual, mantendo os trabalhadores em seus desorganizados espaços de vida (MARIUZZO, 2007, p.10).

Entretanto mesmo no início do século XIX, as ruas das cidades europeias continuavam apresentando resíduos domésticos e fezes de animais, permanecendo assim lugares contaminados, agravados posteriormente com a poluição decorrente da industrialização (RIBEIRO, 2004).

Com o refutamento da teoria dos miasmas pela teoria microbiana, as fogueiras até a metade do Século XIX utilizadas apenas para purificação do ar, ganham o status de incineradores, considerados então como eficientes métodos de eliminação dos agentes microbianos (VELLOSO, 2008).

Curi e Pereira (2013) explanam que os sanitaristas em meados da década de setenta do século XX, passaram a chamar lixo, modernamente de Resíduos Sólidos, palavra que deriva do latim *residuu*: “aquilo que sobra, resta, de qualquer substância” (ROCHA, 1993 apud LEITE, 1999).

Ainda nesta época, permanecia a ideia de simples afastamento do “lixo”, levando-os para locais afastados da malha urbana, aterrando-os sem preocupação técnica alguma com a contaminação do solo ou a redução da sua geração em todas as etapas do processo produtivo (DEMAJOROVIC, 1996).

As conferências mundiais sobre a preservação do Meio Ambiente, em Estocolmo, Suécia, em 1972, ECO92 no Rio de Janeiro e Tbilisi, em 1997 e a crescente democratização da transmissão das informações pela mídia, enfatizaram o aumento da compreensão sobre as agressões globais que os resíduos causam ao planeta (VELLOSO, 2008) e ampliaram a visão dos governantes de países

participantes sobre a importância da segurança ecológica, paz, direitos humanos e ameaças da civilização industrial-tecnológica ao planeta (CURI e PEREIRA, 2013).

Dentre muitas reuniões e conferências sobre o Meio Ambiente, uma de grande valia ocorreu em 2001 e foi a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, firmando o conceito de Desenvolvimento Sustentável, que é a busca em manter o desenvolvimento da atual sociedade sem comprometer as necessidades das gerações futuras, através do melhor manejo dos recursos naturais, eficiência na produção, mudanças nos insustentáveis padrões de consumo e produção, otimização dos recursos e redução de desperdícios.

Priorizando a Saúde Ambiental como promotora e protetora da Saúde Coletiva. Diz-se Saúde Ambiental a área da Saúde Pública que envolve questões da saúde humana com condicionantes presentes no ambiente (VEIGA, 2004).

No Brasil a Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981 dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, qualifica Meio Ambiente como o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas, contudo o homem antropocêntrico se colocou nesse centro de tudo, usufruindo a Terra e deixando rastros e restos catastróficos para as demais formas de vida do planeta.

Exploremos mais detidamente o termo reciclagem, quando um produto não é mais do interesse do consumidor ele é descartado e segue para a disposição final ou recuperação pós-consumo e tem-se a repetição do seu ciclo assim o resíduo descartado passa por um processo industrial e é convertido em outro produto, semelhante ao inicial fechando assim seu ciclo de vida (TEIXEIRA e ZANIN, 1999).

Concomitantemente, a reciclagem nas suas diversas etapas: triagem residencial, coleta seletiva, triagem no barracão e manufatura nas indústrias, configura-se a principal forma de reaproveitar matéria-prima que seria desperdiçada, reduzindo o volume de resíduos desnecessariamente condicionados em aterros, preservando os recursos naturais, diminuindo seu potencial poluidor e contaminação ambiental, além da economia de energia e geração de emprego, renda e auto-estima para os envolvidos (HORST, 2015).

Agravamentos de problemas de saúde devido aos Resíduos Sólidos em fins da década de 80 fizeram com que a prática da coleta seletiva ganhasse maior notoriedade em função do causados pelo mosquito *Aedes aegypti*, o qual pode utilizar-se dos resíduos sólidos como depositários para seus ovos e assim agravar

as epidemias a ele relacionadas. Tornando assim, a função de catador de material reciclável e do cidadão comum o status de agentes ambientais de saúde, colaboradores virtuosos na redução de tais doenças e na ampliação da reciclagem.

Outro ponto a ser destacado é que os resíduos sólidos tornaram-se um recurso não natural abundante para a indústria quando recuperado da disposição final, inúmeras vezes inadequada em lixões, vazadouros a céu aberto, também são capazes de incluir socialmente trabalhadores que vivem da coleta (SANTOS, 2011).

Portanto, uma eficaz gestão dos Resíduos Sólidos Urbanos (RSU) traz benefícios a todos os setores da sociedade além de ser uma exigência legal aos governantes após a implantação da Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010, intitulada Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) e regulamentada pelo Decreto nº 7404/2010 assinado por Luis Inácio Lula da Silva no evento EXPOCATADORES.

Ela tem por princípios e objetivos a visão sistêmica, na gestão dos resíduos sólidos, que considere as variáveis ambiental, social, cultural, econômica, tecnológica e de saúde pública (CARVALHO, *et. al.* 2014).

Esta lei surgiu em um contexto onde não existia instrumento legal que orientasse a gestão dos resíduos sólidos, tendo o Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA) publicado algumas normas nesta temática (CARVALHO, *et. al.* 2014).

A PNRS incentivou a união desses trabalhadores em associações/cooperativas, na busca de quebrar o estigma de sujidade que por muito tempo se instaurou sobre as pessoas que trabalham com rejeitos, melhorando a inserção desses profissionais no mercado de trabalho.

Desta união, trazemos o conceito de Comunidade, seriam os trabalhadores e trabalhadoras da AGECO uma Comunidade?

Ander-Egg (2005) conceitua comunidade como um espaço de dimensões relativamente reduzidas onde existe uma relação particular entre território e a coletividade, sendo um grupo de pessoas com propósitos em comum, interesses, valores, objetivos e aspirações afins, no caso da comunidade estudada, o propósito em comum seria triar os resíduos que chegam até o barracão e obter algum lucro com eles, tendo assim atividades econômicas em comum, disponibilizando recursos e bens de serviço.

Robertis y Pascal (2007), continua a assegurar o assertivo uso da designação Comunidade AGECO a esses trabalhadores, quando conceitua comunidade como o que é comum, possui similaridades, identidades, convivência e interesses em comuns tendo assim uma unidade!

Gosto quando se identificam na primeira pessoa do plural, nós, como salientado por Maritza Montero (2007), e deixando claro quão confuso pode ser o termo comunidade, pois o mesmo evoca um sentimento e não somente um lugar de habitação ou vivência, onde ocorrem transformações, liberações, adaptações, resistências e mudanças.

Como assinala Montero (2007), uma comunidade é dinâmica e está em constante modificação. Dentre as mudanças ocorridas na comunidade estudada, tivemos a troca da diretoria, redução de um membro e o padrão de chegada dos materiais, no início da pesquisa os materiais eram oriundos da coleta da prefeitura, e da metade para o final, a coleta foi terceirizada, aumentando significativamente a quantidade que chegava até a associação.

Esta comunidade preexistia antes da nossa pesquisa, sendo um grupo social, dinâmico, como uma história e identidade constituída e desenvolvida na busca dos objetivos finais.

Hallack e Silva (2005), baseando-se na perspectiva teórica de Dejours, seguem a ideia de comunidade a qual a AGECO se insere:

Qualquer que seja o trabalho numa organização, ele no mínimo proporcionará ao sujeito um bem precioso: a possibilidade de identificação social e cultural através da atmosfera de afiliação a grupos e incorporação de valores. Ainda que haja competição, formação de subgrupos e grupos rivais, eleição de bodes expiatórios, etc, os sujeitos compartilham pela empresa os mesmos sentimentos que os fazem buscar afiliação a grupos: idealização, necessidade de identificação, de valorização e de reconhecimento.

Veiga (2004) assinala que da PNRS também se extrai a necessidade de cooperação entre os diversos setores da sociedade para elevar o RSU como promotor de inclusão social, através da melhora da renda das famílias envolvidas no trabalho de catador e expectativa de uma vida melhor através da aquisição de bens de consumo, fato contraditório, já que eles mesmos trabalham com os “restos” de uma sociedade cada vez mais consumista e degradante dos recursos naturais.

Conhecer as inter-relações entre produção, trabalho, meio ambiente e saúde faz-se necessário para compreender os processos de adoecimento, morte, perfis destes grupos sociais e agravos ao meio ambiente, bem como buscar alternativas para frear esses processos (DIAS, *et. al.* 2009).

Em pesquisa recente divulgada pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2016) constatou-se que um quarto das mortes registradas no mundo é causado por condições ambientais inadequadas à saúde, tais como poluição do ar, água, solo, exposição à radiação ultravioleta e a substâncias químicas, que podem causar mais de cem tipos de doenças.

Esta mesma pesquisa também mostrou que um gerenciamento adequado da natureza poderia evitar em torno de 14% de mortes em crianças e 40% em adultos. Mesmo com outros dados apontando melhora em quadros como a redução de mortes por doenças infecciosas como diarreia e malária nos últimos dez anos em função da melhora do saneamento e outros condicionantes, a promoção da saúde ainda suscita reparos através de um correto planejamento dos centros urbanos, sugere a ONU.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define Saúde como o perfeito estado de bem estar físico, mental e social, este conceito é contestado por Segre e Ferraz (1997), dentre outros citados por eles, que o julgam ser impossível de ser alcançado, devido ao fato que a “perfeição” vem da lente que cada qual coloca sobre uma situação e propõe um novo conceito de saúde esta concernindo a um estado de razoável harmonia entre o sujeito e a sua própria realidade.

Termos como saúde e ambiente são polissêmicos, instigando o debate sobre o ser humano e a natureza, construídos pela ação e reflexão humana, carregados, de elementos de ideologia e de historicidade e para incrementar este debate faz-se jus entender a função do trabalho como força motriz, norteadora na vida dos trabalhadores e causadora de possíveis doenças e alegrias nestes.

Dejours (2004) definiu trabalho como a manifestação de homens e mulheres através de atividades que não foram prescritas pela organização do trabalho.

O espaço é parte integrante da atividade e pode interferir positiva ou negativamente nela. Sentir-se satisfeito no ambiente de trabalho faz bem e é essencial à “saúde” do trabalhador. Uma vez que o trabalhador sente-se insatisfeito, isto interfere negativamente na sua atividade e, em consequência, afeta todo o coletivo de trabalho.

Neste contexto a palavra saúde foi empregada segundo a concepção de Schwartz (1997), para ele a saúde tem um conceito muito mais englobante do que no sentido estrito da área médica, ela é uma tentativa para criar o espaço social, o espaço industrioso para as próprias normas de vida do ser humano (FONSECA, 2012).

Os desdobramentos dessa relação estão facilmente identificados no discurso dos coletores de recicláveis, e inevitavelmente serão inesgotáveis como os resíduos são (CURI e PEREIRA, 2013), diante de uma sociedade de consumo, onde tudo se torna obsoleto, descartável e inútil, numa frenética velocidade.

Pois tudo se tornou breve, frágil, perecível e apesar de vivermos na era da informação, da imagem, a sociedade prefere negar o conhecimento que esses objetos necessitam de um descarte correto, saturando os escassos espaços “adequados” de depósito. Quem dirá essa mesma sociedade pensar em reduzir seu consumo e conseqüente descarte.

2.2 HISTÓRICO DA PROFISSÃO CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL

“Mas ele desconhecia esse fato extraordinário: Que o operário faz a coisa e a coisa faz o operário. De forma que, certo dia à mesa, ao cortar o pão o operário foi tomado de uma súbita emoção ao constatar assombrado que tudo naquela mesa – garrafa, prato, facão – era ele quem os fazia. Ele, um humilde operário, um operário em construção.”

O Operário Em Construção (Vinicius de Moraes)

Uma das maneiras de compreender o processo de profissionalização dos catadores de materiais recicláveis é proceder a uma revisão histórica de estudos sobre o nascimento dessa atividade. Entretanto, a maioria dos estudos que descrevem a profissão de catador em geral, abordam a questão da atividade de catação sob o ponto de vista do nascimento e desenvolvimento dos conceitos de gestão ambiental, crise ambiental, coleta seletiva que dão visibilidade ao “fenômeno” estudado, mais do que ao profissional que faz este meio de campo.

Esta profissão surgiu devido aos altos padrões de consumo e produção, resultado de um modelo econômico capitalista, transformando a geração de

resíduos em algo inevitável e ao mesmo tempo, gerador de renda para muitas pessoas (CURI e PEREIRA, 2013).

Como tantas outras profissões, ser catador é só mais uma que teve variados nomes durante sua história e é marcada por extrema marginalização e preconceito. Mesmo passado 15 anos desta inclusão a precariedade e a indignidade da profissão continuam as mesmas apesar da sua relevância ambiental, social e de saúde pública (CURI e PEREIRA, 2013).

Também os locais de trabalho dessas pessoas, lixões, aterros e/ou associações/cooperativas possuem o mesmo histórico negativo de nojo e horror, caracterizados pelos objetos lá depositados e manipulados (MILLAR, 2012, p.165).

2.2.1 O CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL NO MUNDO

O trabalhar com resíduos foi sensivelmente desqualificado desde os primórdios da sociedade estando delegado o destino final do lixo as pessoas marginalizadas pelo papel social que desempenhavam.

Restando a prostitutas, prisioneiros de guerra, condenados, escravos, mendigos e ajudantes de carrascos, tarefas ligadas aos restos como os serviços de limpeza e destinação de cadáveres. No caso das prostitutas, em Berlim elas eram utilizadas na limpeza das ruas sob a justificativa que elas eram as que mais as usavam, em comparação com outros cidadãos (VELLOSO, 2008).

Os primeiros registros desta profissão datam do período medieval. O lixo existente provinha basicamente das necessidades humanas, fisiológicas ou de vestuário, originando o termo “trapeiros” (VELLOSO, 2008). Iniciando assim o estigma social ainda presente, tanto às pessoas que trabalham com esses materiais como aos locais destinados a disposição dos resíduos, lixões, vazadouros, aterros sanitários ou não, usinas de reciclagem e as associações e cooperativas de triagem de resíduos (PORTILHO, 1997).

A organização da coleta de lixo conta com um capítulo na cidade de Lisboa em primeiro de abril de 1818, com a determinação de medidas de higiene em um edital onde se previa proibições e multas variáveis para os infratores que não acondicionassem corretamente seus lixos ou os depositassem nas ruas antes das 22 horas, horário que os carros de limpeza passavam para recolhê-los (VELLOSO, 2008).

Quase duas décadas depois a cidade foi dividida em dez zonas, cada uma responsável por doar os homens e os carros de bois incumbidos da tarefa de limpar sua própria zona. Achando-se dentre outras obrigações a varrição das ruas e o recolhimento diário dos resíduos (VELLOSO, 2008).

Assim Lisboa demonstrou preocupação com a harmonia, beleza da cidade, bem como limpeza, bem estar da população e prevenção de doenças, através da variável segregação e transformação do lixo segundo sua origem. Resíduos de origem humana tinham suas normas e os estrumes dos bois, seriam encaminhados para os agricultores (VELLOSO, 2008).

Em meados de 1890 surgem às primeiras usinas de reciclagem em Bucarest e em Munchem, tendo os trapeiros como os mestres na segregação dos restos dessa civilidade que surgia (VELLOSO, 2008).

Um fato marcante para a consolidação da origem das associações de recicladores da América Latina foi um crime chocante ocorrido na Colômbia em 1992, quando onze catadores foram assassinados e seus corpos usados para experiências médicas em uma universidade (RODRIGUEZ, 2002).

Em se tratando de América Latina, tivemos o aumento do desemprego, recuo das proteções sociais, sérios conflitos sociais e crises econômicas como outros impulsos da criação e expansão do associativismo (DAL RI, 2010).

2.2.2 O CATADOR DE MATERIAL RECICLÁVEL NO BRASIL

No Brasil o Decreto nº 3024 assinado por D. Pedro II, deu início aos sistemas de limpeza urbana no Brasil, tendo foco a limpeza e irrigação da cidade de São Sebastião no Rio de Janeiro. Dos responsáveis por essa obra surgiu o termo “gari”, utilizado até hoje na denominação dos trabalhadores da limpeza urbana das cidades brasileiras (CURI e PEREIRA, 2013).

Em 1914, a Prefeitura de São Paulo, foi encarregada de criar um estatuto para o lixo, tratando da higiene e também da moral e da civilidade, pois o “estado sanitário do trapeiro”, gerou preocupação para a saúde pública, julgando-os como transmissores de doenças contagiosas pelo mau hábito de não lavar as mãos para comer. Esta afirmação foi utilizada para excluir as pessoas da atividade de utilização do lixo e para justificar a compra de fornos de incineração de lixo, com capacidade

de queima maior que a produção de lixo diária da cidade naquela data (VELLOSO, 2008).

Atualmente a incineração dos Resíduos Sólidos Urbanos, continua um caso de discussão devido à poluição do ar que quando mal gerenciada causaria e também pelo fato de destruir postos de trabalho ocupados pelos catadores de materiais recicláveis.

Os trapeiros tiveram suas atividades intensificadas em 1918, segregados em duas categorias: o catador ou operário, que separava e enfardava os materiais encontrados no lixo, e o atacadista, representando o “patrão”, atualmente chamado de atravessador. Essa intensificação amplificou-se no período industrial com a guerra, e a possibilidade da transformação do lixo em matéria-prima, dinheiro, ou lucro (VELLOSO, 2008).

Velloso (2008) relata que em São Paulo, essas indústrias “trapeiras” foram toleradas até o fim da Primeira Guerra Mundial, ocorrendo que os trapos eram por vezes importados da Argentina e até da Europa, contudo seu aspecto era repugnante, levando o Serviço Sanitário a exigir medidas higiênicas como a desinfecção, o que a princípio dificultou sua comercialização até causar o desinteresse econômico pela indústria dos trapos.

Como exposto acima, esta categoria profissional permaneceu por décadas marginalizada, desqualificada pelo setor público e cidadãos, no seu potencial de coleta seletiva, tendo seu trabalho focado na catação de materiais recicláveis pelas ruas das grandes cidades inviabilizando qualquer tipo de organização.

Em alguns municípios esta organização iniciou-se em meados da década de 80, com a integração desses profissionais nos sistemas de gerenciamento de resíduos (DEMAJOROVIC, 2006).

Curi e Pereira (2013) lembram que a presença de lixões nas cidades, trouxe a inserção de famílias inteiras na catação de matérias recicláveis como fonte de renda e alimentação e que uma forma de evitar a chegada desses materiais aos lixões se faz através de uma eficiente coleta seletiva na fonte.

Neste contexto os catadores começaram a se organizar através de movimentos como os Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) buscando melhoria nas negociações com os compradores, renda e condições de trabalho.

Em 1989, dos 5.564 municípios existentes no Brasil, apenas 58 possuíam alguma forma rudimentar de coleta seletiva, número que cresceu para 551 em 2000,

994 em 2008 e atualmente está em torno de 3900 municípios segundo a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE), dados estes expostos no final de agosto de 2017, em seu anuário “Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil, 2016”.

A primeira cooperativa brasileira dos catadores foi fundada em Belo Horizonte em 1985 chamava-se Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis – COOPAMARE (MAGERA, 2003).

A atividade de “Catadores de Materiais Recicláveis” foi assim denominada e identificada como ocupação brasileira em 10 de outubro de 2002, sob o código 5192-05, sendo o dígito 05, relacionado especificamente com o: enfardador de sucata em cooperativa/associação, catador de ferro-velho, catador de papel e papelão, vasilhame ou sucata, tendo como ocupações relacionadas a 5192-10, selecionador de material reciclável e 5192-15 o operador de prensa de material reciclável publicados no Diário Oficial da União, pelo Ministério do Trabalho, Decreto 397.

A descrição sumária dessa atividade pelo Código Brasileiro de Ocupações (CBO) é catar, selecionar e vender materiais recicláveis como os descritos acima e mais todos os outros que possam ser reaproveitados.

Similarmente o Programa Pró-catador descreve as atividades devidas a esta profissão: coletar, triar, beneficiar, processar, transformar e comercializar materiais reutilizáveis e recicláveis (BRASIL, 2010).

O CBO deixa claro a não exigência de formação profissional nem escolaridade e o acesso livre a esta profissão, porém coloca que cooperativas/associações ministram cursos e treinamentos aos seus trabalhadores, fato em nenhum momento localizado por esta autora na literatura pertinente.

Esta profissão se desdobra em catadores que exercem a catação nas ruas, individualmente ou os que a desenvolvem em associações e cooperativas populares (CARVALHO, *et. al.* 2014). A linha entre Associação e Cooperativa na maior parte dos trabalhos sobre esta profissão é tênue e na AGECO isso também ocorre, variando entre o que o conceito de cooperativa explicita e associação diz.

2.3 ANÁLISE COLETIVA DO TRABALHO (ACT)

Pela ACT discutir o fazer de cada um, é um método que pode ser utilizado

com as mais variadas classes de trabalhadores independente do grau de instrução, pois coloca que todos os trabalhadores possuem capacidades de analisar seu trabalho (SANCHES, 2008. p. 17), estando este fazer relacionado às capacidades cognitivas, linguísticas, emocionais e a capacidades motoras auxiliadas por condições especiais fornecidas pelos pesquisadores como à repetição exaustiva da frase “o que você faz no seu trabalho”, a visualização das fotos por eles tiradas, aliadas ao ouvir o colega falar sobre seu trabalho (FERREIRA, 2015).

Esta metodologia originou-se na Ergonomia e define-se como um conjunto de conhecimentos objetivando a adaptação dos trabalhadores a diversas situações do trabalho (FERREIRA, MACIEL, e PARAGUAY, 1994) por meio de um espaço oficial, a reunião ou as reuniões, por conseguinte acontecem onde os pesquisados explanam sobre seu trabalho, deste modo ampliando sua capacidade analítica sobre o seu próprio fazer (FERREIRA, *et. al.* 2003; FERREIRA e IGUTI, 1996).

Por esta metodologia estar em desenvolvimento e não ter sido aplicada com catadores de materiais recicláveis optou-se por ela para esta pesquisa. Como exemplos de outras categorias de trabalhadores que ela foi aplicada têm: petroleiros, cortadores de cana, pilotos de aviação comercial, pescadores-mergulhadores de lagosta (SANCHES, 2008. p. 18; SILVA, *et. al.* 2016).

A pergunta norteadora “o que você faz no seu trabalho” deve ser repetida exaustivamente nas reuniões até que trabalhadores e pesquisadores entendam o trabalho que está sendo analisado. Inicialmente o diálogo é entre pesquisadores e trabalhadores, e posteriormente somente entre os trabalhadores, onde todos podem participar, “descrevendo, interpretando, comparando experiências” (SANCHES, 2008. p. 17).

Um termômetro para a qualidade da ACT, o fato dos trabalhadores quase esquecerem a presença dos pesquisadores gerando uma troca frutífera de experiências (FERREIRA, 2015).

Para Ferreira (2015), a única forma de se ter qualidade na pesquisa em ACT, é deixar o trabalhador falar e ao pesquisador cabe somente ouvir. A análise acontecendo em grupo, e todos os trabalhadores ouvindo os outros, gera um confronto enriquecedor de ideias.

A análise das falas dos trabalhadores e a elaboração do texto vêm a partir da transcrição das gravações das falas dos trabalhadores na reunião justaposta com as

anotações dos pesquisadores durante as visitas em diário de campo, buscando abordar todos os pontos citados pelos trabalhadores (SANCHES, 2008. p. 17).

Como coloca Calvino (1996):

(...) descrever quer dizer tentar aproximações que chegam cada vez mais perto daquilo que queremos dizer e, ao mesmo tempo, nos deixam sempre um pouco insatisfeitos, pelo que devemos continuamente recomeçar a observar e a procurar a forma de exprimir melhor aquilo que observamos.

Descrever não é um ato “limpo”, livre de interpretações, explicações ou julgamentos, o justo/injusto, bom/mau sempre está presente, bem como o orgulho tanto pelo reconhecimento do trabalho ou por novos jeitos de fazê-lo também é intrínseco a uma descrição nem sempre finita.

Na ACT, o trabalho comumente aparece como algo bom, visto pelo lado do coleguismo, solidariedade, parceria, produção de riquezas. Concernindo estes benefícios atrapalhados por percalços, citando outros trabalhos com os trabalhadores da reciclagem, temos o ambiente indigno de trabalho, dores, pouca quantidade de material que chega para a triagem, ou material mal separado pelos municípios, o qual pode vir a ser mal cheiroso causando desconforto aos associados.

Este método permite a quebra de paradigmas e preconceitos sobre o trabalho pesquisado, tanto da parte dos pesquisadores como dos próprios investigados, que passam a olhar seu trabalho com muito mais propriedade e capacidade de transformação, saindo do inconsciente “automático” da atividade exercida, do trabalho prescrito e indo ao trabalho despertados através das perguntas sobre o seu fazer, “é que ao falar para os outros, falam consigo mesmo” dando significância às ações perpetradas no trabalho pelo homem do trabalho.

Para obter resultados ricos e densos, através das reuniões da ACT, várias imbricações se fazem necessárias, com relevância o fator dos entrevistados se sentirem a vontade diante dos pesquisadores, encorajados pela postura destes garantindo assim o sigilo da pesquisa e que os mesmos não sejam punidos pelos seus superiores ou até mesmo pelos seus pares por algo que tenham relatado (SANCHES, 2008. p. 17).

O maior número de pesquisados em relação aos pesquisadores colabora para que eles se sintam a vontade para relatar o seu cotidiano de trabalhador, sem o constrangimento que o “face a face” de uma entrevista “normal” pode causar (CEVERNY *et. al.*2012).

.O fato de eles estarem por vontade própria, sem sentirem impelidos a tal também colabora com esta metodologia.

Outro fato comum em ACTs de outras profissões é o envolvimento decisivo de sindicatos no agendamento dessas reuniões, no nosso caso, a classe não dispõe de representação sindical na cidade.

Ferreira (2015) também orienta sobre a postura dos pesquisadores, estes devem ter afinidade e interesse pela profissão a ser pesquisada, pois se trata de falar sobre um aspecto importante da vida dessas pessoas, por isso estar muito atento a fala deles é indispensável.

Agir com respeito e acolhimento aos ensinamentos passados por eles, desconstruindo a imagem altiva do “saber acadêmico” e permitindo que os sujeitos da pesquisa sintam-se reconhecidos no seu próprio saber.

Esta atenção exigida dos pesquisadores torna as reuniões um tanto quanto árduas para os pesquisadores, o que exige e recomenda-se a presença de mais de um pesquisador (FERREIRA, 1993; FERREIRA, 2011; FERREIRA *et.al.*, 2003; FERREIRA e IGUTI, 1996; MENDONÇA *et. al.*, 2009).

Para tanto contamos com um estudante da Psicologia garantindo assim uma troca de ideias frutífera e baseada na tão almejada pela Ciência atual, Interdisciplinaridade, pois se entende que a interdisciplinaridade é uma exigência para a integralidade (MINAYO, 2000).

Outra sugestão dada por Ferreira (2015) é a devolutiva para a sociedade dos resultados da pesquisa, como o trabalho baseia-se em fotografias na busca de alcançar a subjetivação e colaborar com a autoconfrontação, encerrado este trabalho acadêmico, disponibilizaremos as fotos para uma exposição no Centro Cultural da cidade de Prudentópolis e se espera a presença dos “fotógrafos”, ou seja, os próprios associados, empoderando-os diante desta sociedade tão acostumada à cruel obsolência programada de objetos e vidas, como tão veementemente Bauman critica em toda a sua obra e em especial em seu livro *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria* (2008).

Vivemos na era do descarte, das relações líquidas, do marketing que tudo tornou produto, inclusive as pessoas e sua força de trabalho. Trocar os aparelhos eletrônicos por lançamentos tornou-se necessidade, e pensar para onde “os velhos” vão parar, quem pensa? Pois a sociedade julga que é dever “do e só do” Poder

Público “sanear” o ambiente urbano, limpar aos olhos das pessoas a “cidade” sem preocupar-se com o para onde iriam estes “restos”.

2.4 AS FOTOGRAFIAS *PINHOLES*

*"Você não fotografa com sua máquina.
Você fotografa com toda sua cultura."*

Sebastião Salgado

Guran, em seu livro Documentação fotográfica e pesquisa científica-Notas e Reflexões de 2012 descreve de forma brilhante como a vocação das fotografias na produção de documentos foi ovacionada nos primeiros anos que se seguiram à sua invenção sendo o texto mais antigo explicitando seu uso de 1845. Embora hoje saibamos das possíveis formas de manipulação as quais ela possa ser submetida.

A fotografia prosperou durante anos pós sua invenção como documentadora de terras e costumes exóticos, instrumento de comunicação social e produtora de saberes, simultaneamente uma forma de confronto dentre as formas de viver no mundo, principalmente comparando o Ocidente industrial com outras tribos e locais do planeta (GURAN, 2012).

Até então as fotografias eram utilizadas por pequena parcela da população, somente em 1880 que este avanço tecnológico se simplificou e permitiu o acesso a um número mais de pessoas terem suas próprias fotografias.

Primeiramente a ideia de utilizar a pinhole foi cruamente pelo fato de ser um material de fácil acesso na AGEÇO e também pelo fato dela não ter sido utilizada em outras pesquisas de ACT. Com o tempo, observou-se que a questão estética das fotos, mesmo desfocadas, reproduzia bem o olhar do trabalhador sobre o “ser trabalhador da reciclagem”, da mistura dos tons de preto e branco, surge o cinza, remetendo a origem da palavra “lixo”, “cinzas”, “restos”.

Visto que Branco (1996), explica que a palavra lixo vem do latim, *lix* que significa cinza. Pois na antiguidade a maior parte do lixo eram cinzas, e todo o restante utilizado na alimentação animal e adubação das plantas (CURI e PEREIRA, 2013).

Com o passar das leituras, utilizar a câmera de lata gerou a sinapse que faltava entre usar essa ferramenta de registros de imagens com a teoria escolhida para a metodologia da pesquisa.

Estas correntes da Psicologia do Trabalho, denominadas Autoconfrontação e Clínica da Atividade, têm como suprassumo de definição da atividade de trabalho um permanente recriar das formas de viver. Dounis *et.al*, (2012) coloca o trabalho como vital na atual sociedade, seja como construtor de cada trabalhador ou na construção do “patrimônio – cultural humano”, equivalendo que a atividade por ele desenvolvida coloca o homem no processo de invenção e renovação, sujeito e objeto deste desenvolvimento, analogamente a *pinhole* se faz sujeito quando se propõe a registrar as atividades pelos catadores efetuadas como também objeto de personificação da pesquisa na qual eles estão inseridos.

A Autoconfrontação é uma forma dos sujeitos visualizarem seu trabalho e este sujeito o produtor deste material, utilizar câmeras simples, sem recursos tecnológicos em um ambiente degradado pelo descaso governamental, teve o objetivo de não distanciar nossos pesquisados da pesquisa, obviamente sem menosprezar a capacidade de utilização de outras câmeras. O intuito foi não destoar o instrumento do cenário apreendendo as tramas e as ações dos autores (LAROCCA e SADALLA, 2004).

Perder a vergonha, não ficar tímidos, pois a fotografia é algo silencioso, eles não precisaram dizer o que estão fotografando, se é algo que eles acham belo no trabalho, ou se é algo que os incomoda, seja no ambiente ou em uma ação do colega.

O que seria fotografia para eles? Uma materialização de memórias, lembranças, fatos? O que seria o belo? O desfocado, borrado das fotografias produzidas pela *pinhole*, não é bonito? O que isso remeteria ao trabalho deles? Não é belo trabalhar com “os restos”, com o “cinza”, por que não valorizar o trabalho deles.

Disto vem a ideia de expor essas fotografias! Enaltecendo esta tão valiosa profissão e por vezes marginalizada e “abafada”, mostrando que dela, pode-se extrair arte, extrair vida desses materiais descartados.

Definir a fotografia necessariamente como técnica ou como memória, por exemplo, sem pensar no estado cultural, é descartar o olhar, que muda tudo. A fotografia é uma ferramenta discursiva, é construtora de versões da realidade. Vista

como um ponto de partida, e não um fim em si mesma nasce plural, híbrida e capaz de descrever, representar e interpretar o que pode ser visto, este ponto de partida deve ser constatado desde o primeiro olhar nas fotografias incitando posteriormente as discussões pertinentes (Guran, p. 64). No caso deste trabalho o olhar das trabalhadoras e trabalhadores da reciclagem.

Novaes (2015) dissolve a ilusão de que fotografias seriam apenas imagens, retratos, registros fieis da realidade e portadores de um passado verdadeiro cristalizado num tempo que atravessou nosso campo de visão. Sendo estes emanções do mundo exterior, repletos de subjetividades e complexidades que perpassam a aparente objetividade da fotografia.

Fazer deles fotógrafos, dando ênfase através das fotos, aos incômodos, micro-histórias, valores, engajamentos, compromissos cumpridos ou negligenciados que eventualmente criem conflitos entre os associados (BRINGMANN, *et. al.* 2008), é dar voz aos muitas vezes silenciados, é exprimir o inaudível ou indizível, é expressar de forma contundente num mundo acostumado com imagens, outdoors e belezas fugazes e efêmeras e sim, fortalecendo-os, pois todos somos partes desse mundo, e esse mundo só se faz concreto de sentidos quando compartilhamos nossa vivência de cada coisa, de cada situação, dando visibilidade à vida cotidiana, aos encontros e acasos, pertencendo-se nós a esse mundo e não só meros observadores (AGUIAR, 2003). Como ser parte deste mundo e não somente expectadores? Quais histórias essas fotos contam?

A utilização de fotos na ilustração dos processos de subjetivação na atividade permite o acesso aos passos enigmáticos da trajetória dos trabalhadores, entre o que é prescrito e o que é realizado, ou o Real da Atividade (CLOT, 2007). Incorporando o possível e o impossível, o realizado e o não, desvelando o âmago dos protagonistas desta pesquisa, através de seus desejos, frustrações, empecilhos e dificuldades.

Faita (2005) reforça o uso de fotografias quando diz que “devemos ter cuidado com o falso diálogo” evitando esvaziar as falas do trabalhador de suas substâncias específicas, as quais podem ser retratadas com seu olhar pelo buraco da agulha.

Segundo Clot (2007), a atenção à subjetividade é fundamental, subjetividade esta expressa nas fotos tiradas pelos próprios catadores, demonstrando a ligação entre seu trabalho e seu cotidiano fora do ambiente da associação. Decorrendo que

a atividade é sempre dirigida por três vidas, a do objeto, do sujeito e dos outros, uma não existindo sem as outras duas e sem deixar de lado as singularidades de cada uma.

A função das fotografias seria mostrar de forma visual aos pares os modos com que cada um age ou deixa de agir, sem que essas regras estejam (precisem estar) escritas, no caso no estatuto da referida associação de trabalhadores. E também cada um se enxergando como trabalhador sujeito e objeto deste campo de atuação profissional (ANJOS e MAGRO, 2008).

A exposição traria uma difusão e disseminação de informações do funcionamento da associação bem como dos riscos que o trabalho gera aos catadores, quiçá conscientize os cidadãos para uma correta segregação dos seus resíduos em suas casas. Não, não é função do pesquisador colaborar dessa forma para a sociedade, mas como ficar imune a degradação do planeta e de vidas que a incorreta separação dos resíduos causa?

Dentre as limitações deste estudo, sabe-se desde já que o fator tempo disponível seria algo relevante, bem como a ânsia de querer ajudar dos catadores, de uma forma concreta, facilmente perceptível e desnuda aos olhos deles, o fazer eles olharem para a pesquisadora como “salvadora da pátria” função desconexa a de pesquisar, apesar do grande potencial transformador que o olhar o trabalho sob a luz da Análise Coletiva do Trabalho pode gerar.

3 MATERIAL E MÉTODO

Já na metade do caminho, Bill Godkin avistou a copa das cerejeiras que cercavam a TidalBasin. Parou ofegante, não sabia bem se do esforço da subida ou se de pura emoção ante a paisagem. Ali estava um quadro tão belo e ao mesmo tempo tão frágil, que a simples tentativa de descrevê-lo com palavras, pintá-lo ou mesmo fotografá-lo, poderia quebrar-lhe o encanto... sentiu que deveria aproximar-se do cerejeal florido com a maior cautela, pisando e respirando de leve.

Érico Veríssimo em
O senhor embaixador de 1965.

No cenário descrito no trecho retirado do livro *O senhor embaixador* do renomado escritor brasileiro Érico Veríssimo percebe-se o desafio que o pesquisador enfrenta quando vai a campo, não sabe mais, não sabe o que encontrará, sabe somente quem encontrará e usa de ferramentas metodológicas na busca dos sentimentos e pensamentos ainda encobertos pelos véus dos “objetivos da pesquisa” (BRINGMANN, *et. al.* 2008).

A pesquisa é um processo aberto, encontramos materiais e vamos pensando a respeito deles, por conseguinte eles ganham vida própria e vão revelando a substância essencial que se busca.

Mello, E. D, *et. al.* (2012) salienta que o pesquisador precisa estar inteiramente implicado no processo de construção da pesquisa, a realidade mostrada nesta não está fora dos sujeitos e sim existe a partir do olhar destes, do olhar do pesquisador e da interação desses olhares para podermos verdadeiramente fruir nessa riqueza da diversidade que o desafiador diálogo entre o que se é falado e o que é revelado pelas fotos transpassa.

Uma pesquisa qualquer retrata o mundo da comunidade observada, no caso do mundo do trabalho dos catadores de materiais recicláveis, se buscou conhecer “os modos de viver, de existir, de sentir e de pensar” da comunidade AGEÇO. Esta inquirição produz autoria e autoprodução mútua, descortinando novos sentidos, novas conexões e novos encontros através das redes que as conversações podem gerar fazendo-se nossos objetos de pesquisa, ativos na mesma (MARASCHIN, 2004).

A percepção sobre os fatos relacionados aos resíduos e como eles mudam e

são expressos ao longo da história cultural humana, ocorre através dos processos de elaboração do conhecimento, sensibilidade e sensações vivenciadas (VELLOSO, 2008). Tudo isto pode ser exteriorizado e expressado de diversas formas, em termos de Arte tivemos filmes como a Ilha das Flores (FURTADO, 1989), Lixo extraordinário (2010), referindo-se a cultura um fator essencial no processo de construção e representação do saber e imaginário social.

A leitura por esse viés conduz a um caminho em que o uso de fotografias seria um potente caminho na produção de imagens e discursos sobre si mesmos e os colegas, sucedendo que a junção dessas características, discursos, imagens e conflitos enriqueceriam relevantemente a narrativa sobre o trabalho, ambiente e os sujeitos envolvidos na pesquisa esta estratégia metodológica é frequente em muitas áreas da ciência (MELLO, E. D, *et. al.* 2012).

Baseou-se essa pesquisa na associação da exploração da natureza ligada à exploração do homem na condição de trabalhador não apenas registrando o indício das transgressões feitas à natureza, como também denunciando o modelo econômico dominante que se sobrepõe à classe trabalhadora, aos marginalizados e à natureza, especificamente.

O ambiente social criado na Associação está permeado por dores, odores, alegrias e esperanças, e todos estão inseridos numa sociedade e economia que visa o aumento do consumo e do lucro, justificados por um crescimento econômico e desenvolvimento dos países à segregação dos Resíduos Sólidos Urbanos sem atentar-se a Quem faz isso e Como faz isso.

O conhecimento sobre a situação é essencial para estabelecer prioridades, alocar e gerir os recursos de forma positiva, melhorando as condições de saúde, trabalho e vida dos membros da comunidade estudada (FEUERWERKER, 2000).

A importância de se fazer testes pilotos na pesquisa de campo vem da necessidade do pesquisador adequar sua postura observATIVA. Coloco ATIVA em destaque, pois para mim ser freada durante os testes das *pinholes* pelos meus amigos que colaboraram na pesquisa foi de extrema importância para no campo deixar os associados livremente fabricando suas latas/câmeras.



Figura 1: Prédio em frente ao laboratório de revelação das fotos *pinholes* em dia de teste.
Fonte: Autora da pesquisa, 2017, analógica.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Em uma palestra em 1999, Ferreira suscitou a Análise Coletiva do Trabalho (ACT) em: “o que você faz no seu trabalho?”, ou seja, essa pergunta busca observar como cada trabalhador vê seu trabalho sob e somente sob sua ótica, também o que ele sente em ser trabalhador, gosta ou desgosta no seu trabalho, ou seja, quais sentimentos o trabalho provoca e mobiliza (FERREIRA, 1993).

A partir disso se mostra interessante o artefato *pinhole*, deixado claro que o trabalhador deveria fotografar a sua significância no trabalhar, e transparecendo seus sentimentos sobre o trabalho, assim posteriormente com esses conhecimentos analisando seu grupo, equivalendo assim Coletiva a visão final do trabalhar e o texto desta pesquisa.

Esse método consiste em formar um grupo de trabalhadores voluntários, sem definição prévia do número mínimo ou máximo de integrantes (CEVERNY *et. al.* 2012).

Para a conversa sobre o que eles fazem no trabalho, utilizou-se as fotos como gatilho desta reação em cadeia de comentários e ao mesmo tempo como

sustentadoras do olhar, tanto suportando o tempo do fotografar, como depois do ver seu trabalho.

Pois fotografias são materiais e fixas, podem ser tocadas pelo sentido do tato, olhadas pela visão e sentidas com o coração de quem as produziu gerando uma posição reflexiva, contemplativa do que determinada imagem configura (PRUDENTE e TITTONI, 2014).

3.2 CENÁRIO DA PESQUISA

Lugar: “o foco sobre a questão do espaço como algo que se vivencia e que, por essa razão, está carregado de significados definidos pelos indivíduos e grupos nele localizados”
FERREIRA, 2015 p. 302.

A associação pesquisada denomina-se AGEÇO (Associação Agentes Ecológicos Materiais Recicláveis de Prudentópolis) localiza-se no município de Prudentópolis, região centro sul do Paraná, tendo este uma população total de 48.708 habitantes (IBGE, 2010), gerando diariamente em torno de 2,5 toneladas de materiais recicláveis.

Esta comunidade foi escolhida devido à alta precariedade das condições de trabalho as quais os catadores convivem e da profunda função ambiental que eles poderiam desenvolver, caso fossem devidamente valorizados e amparados tanto pelo poder público como pela sociedade na execução de suas atividades.

Prudentópolis é destaque no cenário nacional pelo ecoturismo, turismo de aventura e religioso, atraindo um grande número de turistas durante o ano em várias festividades, mas notoriamente no verão devido ao número de cachoeiras que possui. Estes “ecoturistas” produzem resíduos sólidos sazonais e também buscam uma cidade asseada e saneada.

A AGEÇO foi fundada em abril de 2006 através da parceria entre o Fórum de Desenvolvimento Local e o SEBRAE, buscando fomentar a triagem dos materiais recicláveis dos Resíduos Sólidos Urbanos municipais, protegendo assim o Meio Ambiente e oportunizando melhores condições de vida e trabalho aos associados. Seu prazo de vigência é indeterminado e em 2015 a utilidade pública da Associação

foi declarada através da Lei municipal Nº 2.177/2015. O Fórum permanece até os dias de hoje como representante do conselho fiscal da AGEÇO.

O cenário é composto por diversas formas de opressão que caracterizam a interação dos pesquisados com a vida urbana. A necessidade da ajuda do atravessador com o transporte (mesmo este totalmente inadequado e com alto risco conforme ilustra a figura 2).

O barracão improvisado (figura 4), total falta de instrumentos que colaborem com o trabalho, inexistência de uma esteira, a catação ocorre com a curvatura do corpo até o chão onde estão depositados os materiais, sem a mínima proteção do sol, vento ou chuva, prensa (eles sobem nos *bags* para amassar o material), Equipamentos de Proteção Individual (EPI) como luvas, botinas o que traz risco de cortes, contatos cutâneos com materiais contaminados, animais vetores de doenças como ratos e baratas.

Além da proteção “física” dos produtos segregados, que muitas vezes são roubados já selecionados do barracão, causando profundas frustrações nos associados.



Figura 2: Caminhão no qual os associados vão e retornam da associação.
Fonte: Autora da pesquisa, 2017, digital.



Figura 3: Transporte e chegada dos associados no barracão de triagem.
Fonte: Autora da pesquisa, 2016, digital.



Figura 4: Barracão e resíduos.
Fonte: Autora da pesquisa, 2015, digital.



Figura 5: Barracão e resíduos pós terceirização da coleta seletiva no município.
Fonte: Autora da pesquisa, 2017, digital.

Apesar de bem precários a sede da Associação conta com o barracão de triagem, uma cozinha, banheiro com chuveiro, sala, um quarto, com uma sala fechada onde eles guardam os materiais mais valiosos, a guarita do guardião, um portão e cercas deterioradas de arame farpado, frequentemente cortadas por invasores. Estes espaços físicos foram cedidos sobre a permissão de uso pela prefeitura municipal por Decreto em agosto de 2010.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

O contato inicial com a Associação deu-se a partir da Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Prudentópolis, na pessoa da Bióloga Aldeli Prates, fez-se algumas visitas ao local e constatou-se a precariedade do local no qual os associados exercem suas atividades de triagem e também dos problemas enfrentados por eles com o transporte até o barracão de triagem do Município, localizado as margens da BR 373, km 271 em Linha Barra Grande.

Os participantes são na maioria mulheres, fato recorrente na literatura sobre catadores dentro de associações e cooperativas. Sendo a AGEÇO composta por 6 mulheres e 4 homens. Neste trabalho, quando me referir a catadores e

trabalhadores, estarei me referindo a ambos os sexos, pois como igualmente ocorre em outras associações a exemplo da pesquisada por Horst (2015) o esforço físico não possui distinção de gênero.

A distribuição etária de 19 a 53 anos, com uma média de 35,1 anos (usando a idade fictícia de 22 anos informada por um dos associados). A grande amplitude da faixa etária na AGECO é fato comum em outras associações/cooperativas mesmo que no Brasil o mercado geral de trabalho urbano seja mais favorável a contratação de jovens, a idade não afeta consideravelmente este fator na contratação (SILVA, 2002).

Eles residem no perímetro urbano da cidade de Prudentópolis no Bairro Vila da Luz, bairro periférico da cidade, com poucas ruas asfaltadas e alto índice de cães soltos pela rua. O qual sofreu anos atrás uma frustrada tentativa de “urbanização” com a expulsão das famílias pobres do em torno do lago municipal (uma bacia de drenagem).

Estarem sem trabalho, serem conhecidos e residirem no mesmo bairro, foi à porta de entrada para a Associação, esses vínculos deram o acesso, bem como viabilizaram práticas de trabalho e as relações pessoais dentro do ambiente de trabalho. Sendo o ex presidente o elemento norteador para este acesso.

Os dividendos da associação são distribuídos igualmente, sem distinção de produção individual para cada catador.

O ponto de encontro deles para pegarem o transporte até a associação é um ginásio de esportes do bairro e os “bancos” nos quais eles esperam são cacos de tijolos, como ilustra a figura abaixo.

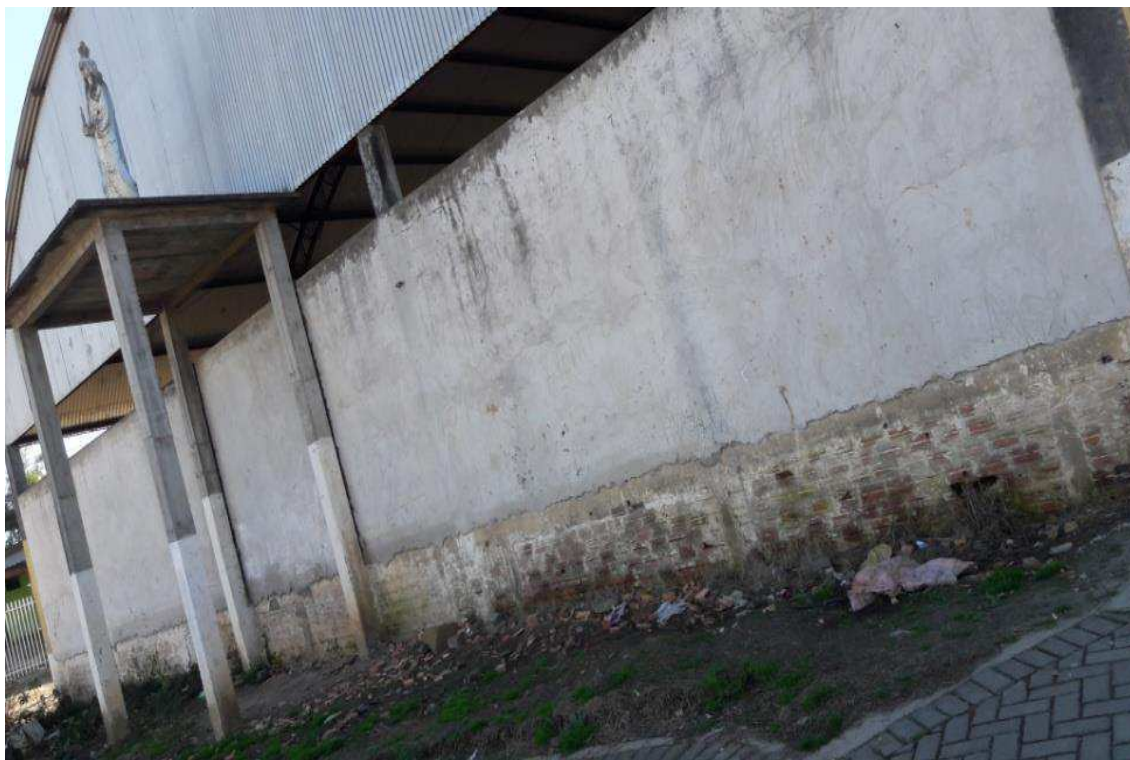


Figura 6: Ponto de encontro para ir até ao trabalho.
Fonte: Autora da pesquisa. 2017, digital.

Como o objetivo desta pesquisa foi buscar respostas sobre o trabalho deles a partir das fotografias, alguns comentários mencionados vieram do ouvir, observar, conversar informalmente da pesquisadora nos dias de trabalho com eles, como o fato de alguns usarem álcool com certa frequência e/ou fumarem, inclusive o fumo é constante durante o trabalho e não só no intervalo de descanso.

Todos os associados aceitaram participar da pesquisa mesmo alguns se mostrando mais tímidos e outros mais dispostos e interessados em tirar as fotos e falar sobre seu trabalho.

Os associados relataram nunca ter participado de uma pesquisa assim como citado por Antonio *et. al.* (2016. p 333.) em proposta semelhante. A maioria se mostrou confortável em fazer suas próprias latinhas/câmeras e falar sobre as fotos, outros preferiram ouvir e rir dos comentários dos colegas sobre seu trabalho e também houve o comentário:

“Vêm até aqui, nos fazem perguntas, vão embora e não nos retornam nada”

Esta fala se repete em outras pesquisas, como na desenvolvida por Cardozo, (2009) e extraída durante o Festival Lixo & Cidadania que ocorreu em setembro de

2007, na cidade de Belo Horizonte- MG.

3.4 COLETA DE DADOS

As primeiras visitas deram-se em tempos de mudanças, existia a promessa de um barracão novo até que a sede própria fosse reformada, fato que animava os associados, também havia a expectativa com a terceirização da coleta seletiva através da Contratação de empresa especializada em Coleta Regular e Transporte de Resíduos Sólidos Recicláveis.

Com muitas dúvidas, dentre elas se a exígua quantidade de material que chegava ao barracão aumentaria, se o posto de trabalho de todos se manteria, como ficaria a hierarquia dentro da associação, decorrendo a melhora nas condições de trabalho fato relevante nas conversas informais diante da terceirização da coleta seletiva do município.

Pertencendo este um cenário bem atroz optou-se por prosseguir a pesquisa neste local. Efetuaram-se outras visitas informais para que os associados habituassem com o fato de serem pesquisados e também de observação e proposição da metodologia escolhida, verificação da adesão a pesquisa de forma voluntária e formalização da cooperação, correspondendo esta a fase de planejamento descrita por Sanches (2008, p. 17).

Tendo o sujeito produzido sua própria câmera, ele participa do processo criativo, entendendo-se autor das fotos, nasce um sentimento de pertença à pesquisa e ao seu trabalho, integrando-o ao todo (MELLO, E. D, *et. al.* 2012).

Contudo, sendo a construção coletiva da pesquisa, não diferenciamos qual trabalhador tirou cada foto, pois julgamos que isto poderia constranger quem não obteve um bom resultado ou mesmo não se sentiu impelido em tirar suas próprias fotos mesmo que Antonio *et. al.* (2016. p. 334) descreva que o envolvimento dos próprios catadores no processo de ilustração do seu trabalho possa integrar e evidenciar a importância de cada um, promovendo a interação e intervenção de todos os participantes, tornando mais reflexivo este processo.



Figura 7: Construção das câmeras fotográficas.
Fonte: Autora da pesquisa, 2017, digital.

Uma recomendação dada por Ferreira (2015) que não se seguiu foi a reunião ser fora do ambiente de trabalho, visto que fazer as reuniões fora da associação tornaria complicada a coleta dos dados pela dificuldade de encontrar os participantes em outro turno que não o de trabalho, optou-se por fazer a reunião na sede da própria associação, garantindo assim que os membros da AGEÇO participassem das discussões. Esta mesma dificuldade foi relatada por Silva, *et al.* (2016) em pesquisa utilizando a ACT com motoristas de caminhão de uma transportadora no estado de São Paulo.

A mudança do local de reunião é uma recomendação que decorre da premissa que trabalhadores poderiam ficar constrangidos com a presença da chefia, o que nesta pesquisa não ocorre, pois tratando-se de uma associação e a figura do chefe ser representada pelo presidente da mesma, ele se situa como um trabalhador de “mesmo nível” que os outros porém com maiores responsabilidades, tais quais a interação com visitantes, prefeitura e a venda dos materiais.

Uma metodologia interessante utilizada na Justiça Restaurativa e também em terapias complementares disponíveis pelo SUS é dispor as pessoas em círculo durante os encontros afirmando que ninguém é mais que ninguém, comunicando

assim igualdade e horizontalidade. Possibilitando uma eficiente circulação da palavra, com os sujeitos enunciando verdades (J21, 2008a, p. 36). Pranis (2006) um teórico entusiasta dos círculos, pontua que, em roda todo mundo é igual, todos são equidistantes ao centro, rejeitando posições hierárquicas mantendo-se interligados uns aos outros.

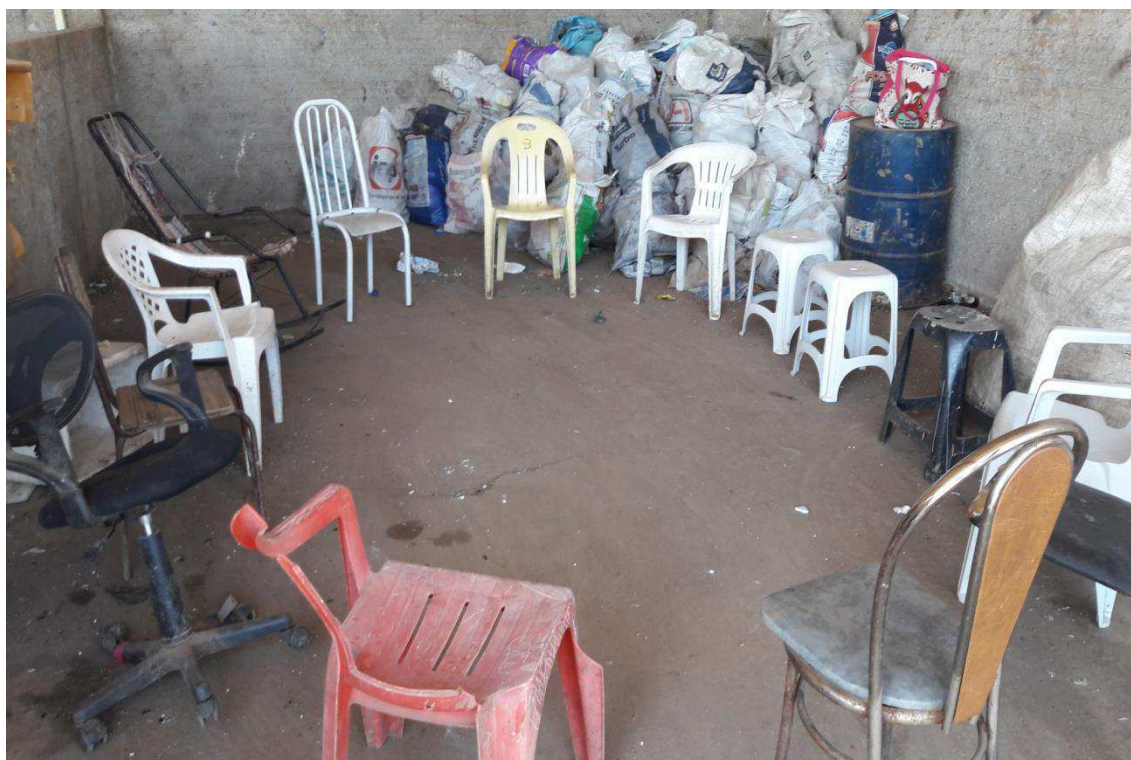


Figura 8: Ambiente do barracão escolhido para a conversa sobre as fotos.
Fonte: Autora da pesquisa, 2017, digital.

Informei-os que eu gravaria a conversa para depois transcrever ela e então comecei a passar as fotos no negativo da etapa A e expliquei o provável motivo delas terem queimado ou ficado brancas que era o tamanho do buraco do obturador, pedi que se eles achassem algo eles falassem. Após as fotos da etapa B e C no negativo e então passei as fotos “positivadas”.

Fotos digitais captadas pela autora foram utilizadas somente na ilustração de outras partes deste trabalho, sem entrar na parte da discussão do trabalho com os catadores.

3.5 MATERIALIZAÇÃO DAS FOTOS

Biazus (2006) justifica a utilização da *pinhole* (do inglês, “buraco de agulha”)

um método artesanal e sem as tradicionais lentes fotográficas, desbancaria a atual fluidez do mundo contemporâneo, produzindo algo “palpável” que não é instantânea como as atuais máquinas fotográficas e smartphones, ou desvelaria a força que este pequeno orifício dispõe, transformando o olhar fotográfico em um ato criativo e acrescentando o elemento “surpresa”, o aguardar revelar as fotos, nesta conformação (ACHUTTI, 2004).

Ou seria, desvelando a força que atitudes ínfimas de cada um de nós, como separar os nossos resíduos em casa, podem contribuir na busca de um mundo ambientalmente equilibrado.

O papel fotográfico usado foi o Black&White da marca Promaster, 5x7”. Por ser um material em desuso, para consegui-lo entrei em um grupo de apaixonados por fotografia analógica do Facebook, postando a minha ideia, prontamente fui respondida por alguns membros. Um em especial sendo professor universitário que também pesquisa o trabalho dos catadores se dispôs a importar o papel junto com materiais de interesse dele e me enviou via sedex, as conversas informais com ele sobre o andamento da pesquisa foram bem enriquecedoras e “anárquicas”.

Fui inserida neste grupo fechado do Facebook pelo filho fotógrafo de uma colega de trabalho que me indicou um antigo fotógrafo na cidade vizinha de Ponta Grossa, que ainda faz a revelação da forma tradicional, a qual seria necessária para revelar as fotos *pinholes*.

Na internet (google, youtube) aparecem vários métodos de construção das *pinholes*, neste estudo optou-se pelo mais simples possível.

Primeiramente em teste piloto com amigos foram selecionadas latas redondas de diversos tamanhos para se testar distância focal versus tamanho do furo e tempo de exposição.

As latas foram limpas, o furo no meio delas feito, pintado seu interior com spray preto fosco e então lixado as aparas do furo, nisto percebeu-se que o lixar, raspava o spray e prejudicaria o processo, logo anotado para que em campo com os catadores isso não ocorresse e fosse primeiro lixado depois pintado.

Logo após foram feitos os obturadores, outro processo que mostrou ser fundamental o teste piloto, pois se percebeu que a metodologia explicada na internet seria trabalhosa demais para o dia no campo, e optou-se por somente colocar um pedaço de fita isolante ao invés de todo o aparato colocado como necessário na internet.

Na revelação do teste piloto observou-se que os furos feitos com a agulha eram pequenos demais e não permitiram a entrada adequada de luz, logo a formação da foto ou em algumas fotos do piloto e tempo de exposição foi grande demais e as fotos queimaram (mais de 10 segundos em dia nublado).

Então no dia da fabricação das câmeras, cada catador escolheu uma lata das que eu previamente tinha separado, e se pôs a seguir os passos por mim indicados, tomei o extremo cuidado de não interferir na construção de cada câmera apenas passar os passos e explicar a função de cada etapa:

- 1- Limpeza das latas;
- 2- Para confecção do furo utilizamos um parafuso “normal”;
- 3- Lixamento das rebarbas internas do furo;
- 4- Pintura interna da lata com o spray
- 5- Pintura da respectiva tampa, tanto por cima como por baixo dela;
- 6- Segunda demão de spray;
- 7- Colocação de um pedaço de fita isolante como obturador.



Figura 9: Construção das câmeras fotográficas.
Fonte: Autora da pesquisa, 2017, digital.

Pedi para eles colocarem mais um pedaço de fita isolante quando já tivessem usado sua câmera, para evitar que o obturador fosse novamente aberto e

queimasse as fotos. Além das câmeras por eles fabricadas disponibilizei as câmeras feitas no piloto para que quem quisesse tirar mais fotos, ficasse a vontade. Sempre todas as latas tinham sido utilizadas para fazer fotos.

As latas utilizadas por eles eu coletei junto aos resíduos que chegaram a AGECO nos dias que eu estava lá, as latas do teste piloto ganhei de amigos. Os demais materiais comprei com meus próprios recursos e levei até eles. As câmeras prontas serão utilizadas na decoração da exposição das fotos.

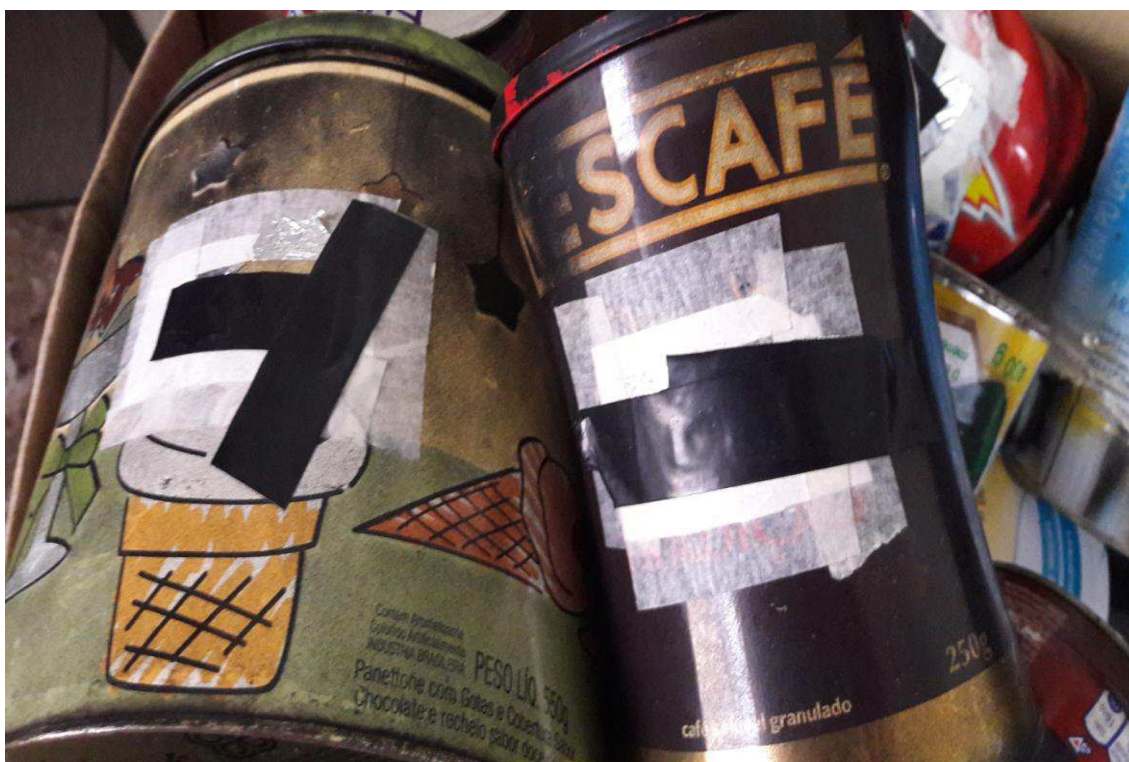


Figura 10: Caixa com as câmeras.
Fonte: Autora da pesquisa, 2016, digital.

Para recarregar as latas/câmeras com os papeis fotográficos, utilizei um quarto escuro de uma loja antiga de fotografias na cidade de Prudentópolis.

O processo de revelação das fotos e o contato com o Sr. Domingos, fotógrafo com 62 anos de profissão, seriam um capítulo a parte se este fosse o foco desta pesquisa. As expressões dele durante os processos seja de decepção com as fotos queimadas ou de alegria quando apareciam “alguma coisa” nas fotos, foi outro ponto importante no continuar desta pesquisa, sem deixar de mencionar as longas conversas sobre a arte da fotografia e todas as implicações sociais devidas a ela.

Ou o olhar de Engenheira Ambiental quando ele descartava os líquidos das revelações, repletos de elementos químicos no ralo da pia sem nenhuma cerimônia

indo para a rede de esgoto doméstico do município de Ponta Grossa ou contava dos riscos da inalação dos gases durante as revelações em salas sem ventilação.

Foram três etapas de fotos, após cada etapa eu marcava cada foto revelada com uma letra e um número (Ax, BX, Cx), recarregava as latas/câmeras, com os papéis fotográficos e retornava a associação, deixando as máquinas de fotografias para seus fotógrafos.

Na primeira etapa deixei as câmeras uma semana, na expectativa que eles aguardassem acontecimentos pontuais para registrar, ao voltar para buscar as fotos, nem todos tinham feito registros, senti certo constrangimento ao me dizerem que não haviam tirado as fotos e somente uma das associadas disse com orgulho ter feito a foto. Prometeram-me tirar para o outro dia, fui buscar e lá estavam todas as fotos registradas.

As etapas B e C das fotos foram feitas com esses intervalos menores de tempo, no início de dia de trabalho eu levava as latas carregadas e no fim do outro já buscava para levar para revelação.

Finalizada a etapa de confecção das fotos em negativo, digitalizei todas as imagens, mesmo as totalmente “queimadas” ou em branco para positivar elas no programa *photoshop* ou tentar corrigir níveis de brilho e contrastes nas imagens, isto teve um bom resultado mostrando coisas a mais nas fotos.

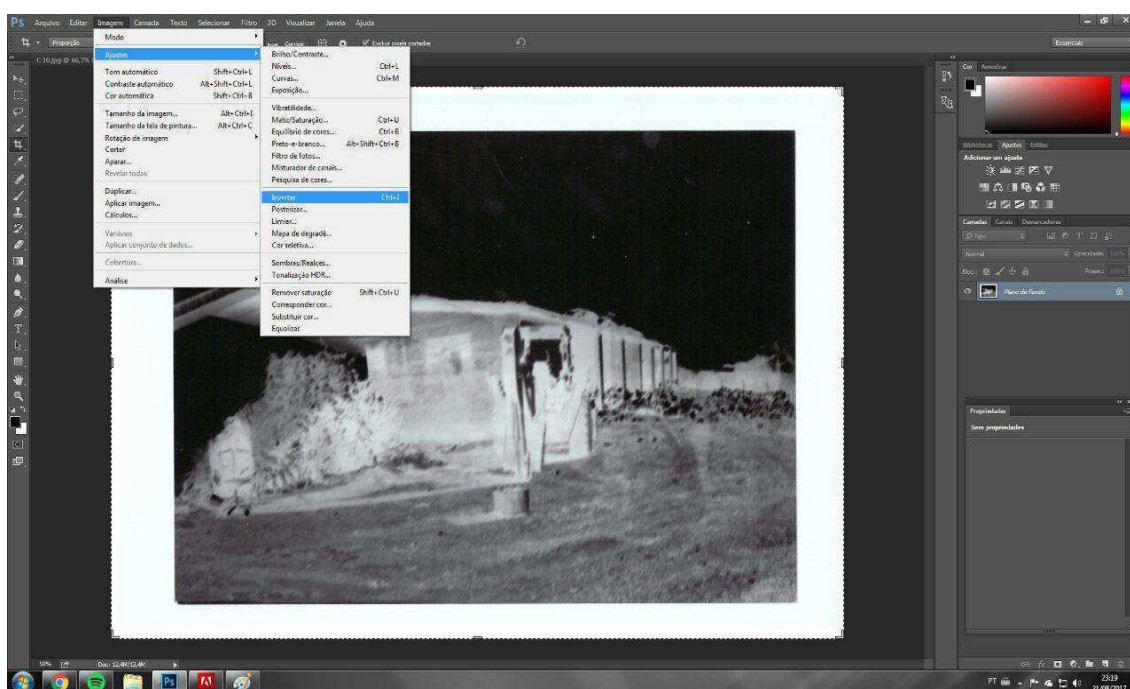


Figura 11: Botão inverter.
Fonte: Autora da pesquisa, 2017. Print de tela.

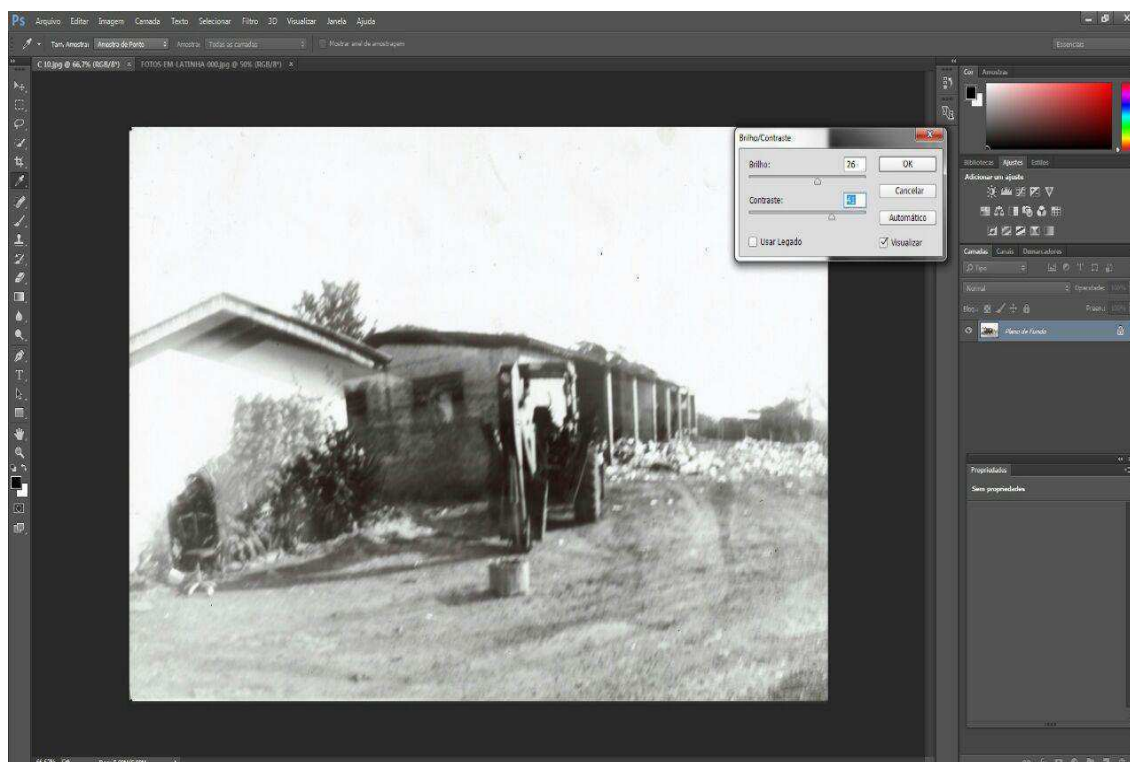


Figura 12: Tonalizando as fotos.
 Fonte: Autora da pesquisa, 2017. Print de tela.

Após essas três etapas, marquei a reunião na qual mostraria as fotos para eles, todos estavam curiosos sobre o resultado do “seu trabalho” de fotógrafos.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram observados segundo a Análise Coletiva do Trabalho, no qual a principal autora no Brasil sugere focar as conversas com os trabalhadores na pergunta: “O que você faz no seu trabalho”. Utilizando as fotos tiradas pelos associados como material base para a conversa na busca das subjetividades por trás desta categoria de trabalhador e a literatura pertinente aos temas: trabalho e catador de material reciclável.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

“É bem certo que as palavras nunca estão a altura da grandeza dos momentos”

Saramago no livro “A Jangada de Pedra”

O objeto central da discussão dos dados são as fotos tiradas pelos próprios catadores da AGEÇO e suas falas sobre as fotos pautadas em “O que você faz no seu trabalho”, pergunta norteadora da ACT.

Existem de forma complementar anotações de conversas informais com os catadores durante dias de trabalho junto com eles e visitas através de um diário de campo.

Outros dados vieram da análise da documentação oficial da AGEÇO, de conversas com a bióloga que participou da elaboração do estatuto da Associação e o atravessado não repassou nenhum dado sobre os materiais pedidos.

Na última visita informal, pós terceirização pode-se observar o aumento virtuoso de material que chegou ao barracão, causando o aumento no turno de trabalho dos associados, de quatro horas diárias para oito horas diárias, porém as reclamações sobre a má separação doméstica dos resíduos continuavam as mesmas. Estas visitas informais foram acompanhadas pela bióloga Aldeli algumas vezes com o carro da prefeitura, outras com o veículo próprio da autora.

O retorno da pesquisa para eles, entrega das melhores fotos e devolução das Câmeras/latas (afinal sucatas são os objetos dos quais eles mais obtém lucro), será feito logo após a defesa desta dissertação, bem como uma provável exposição e reportagem televisiva, fato pedido por eles.

Porto (2004) sugere a disseminação das experiências vividas nos diversos municípios brasileiros e com cada grupo de catadores como forma de mobilizar e estimular os fatos positivos com a coleta seletiva, sendo elas bases para melhorias em todas associações.

Este estudo não buscou avaliar o comum nas pesquisas referentes ao trabalho dos catadores de materiais recicláveis, e sim através do lúdico e da “brincadeira” de fotografar com uma lata, mostrar pontos muitas vezes esquecidos dessa profissão, como as risadas durante os turnos de trabalho, os animais “domésticos” que eles convivem, as cercas como forma de proteção, a necessidade

de ajuda externa para bem desenvolver o trabalho, isto evidenciado quando se precisou corrigir o furo da latinha por onde entraria luz, a re-pintura das latas, o uso de um programa de computador para positivar as fotos.

Também não observou quantitativamente a carga física aplicada no trabalho deles ou mensurar estatisticamente problemas de saúde, psicológicos relacionados à exclusão, pois esta nunca foi citada por eles, todos sentem-se gratos e felizes por ter um trabalho, porém esperam maior ajuda do Prefeito e da Prefeitura na execução das prometidas obras de melhorias no barracão e aumento da quantidade e qualidade de material que chega até na associação.

Para isso Políticas Públicas como a Política Nacional de Resíduos Sólidos devem ser implantadas e/ou otimizadas visando mudar a realidade destes trabalhadores (Porto, 2004).

4.1 ENTRE O TRABALHO REAL E O PRESCRITO

O estatuto da referida associação não prescreve o trabalho de seus associados, o mais próximo disso é o inciso II do Art. 5º, Capítulo I que diz:

Viabilizar o transporte, a separação, o armazenamento, a classificação, mecanização, a assistência técnica e outros necessários e servir de assessora ou representante dos associados na comercialização de material reciclável.

Este documento no Art. 10. Inciso IV, “compõe-se como dever do associado: contribuir, por todos os meios ao seu alcance, para o bom nome e para o progresso da Associação”.

Como citado por Medeiros e Rodrigues (2002) sobre a precaução auto-criada por trabalhadores da construção civil, os associados da AGEÇO também fazem isso, ao usar bonés para “prender os cabelos e evitar que eles e o suor caiam nos olhos durante a triagem”, assim evitando riscos que enfrentam no trabalho.

Ferreira (2015) tipifica trabalho, em duas facetas: atividade e emprego. Correspondendo atividade, tudo o que se produz (bens ou serviços) em um determinado local, como sapatos por um sapateiro ou cirurgias por um cirurgião, assim diferenciando um trabalho do outro e emprego a relação econômica ou social, que pode fazer dois trabalhadores distintos terem o mesmo salário apesar de

atividades completamente distintas, observando as relações entre empregados e empregadores.

Dejours, (1992) também elucida o real do trabalho, como algo ajustado, acrescido, rearranjado, imaginado pelos homens e mulheres, que não pode ser obtido pela execução rigorosa do prescrito.

Em se tratando das reuniões com os trabalhadores, o que se fala e se ouve são essas duas facetas do trabalho: a atividade e o emprego, o que gera saúde e doença, o bem e o mal dessas pessoas.

O trabalho prescrito a eles, ou seja o que é solicitado, imposto e antecipado sob a perspectiva de resultados em condições determinadas constrange a atividade, que esta ligada ao real do trabalho. Contudo não é de todo negativo ter tarefas estabelecidas, pois estas buscam, eliminar “más” condutas, minimizando o trabalho improdutivo e maximizando o produtivo (GUÉRIN *et. al*, 2001).

Pela PNRS conceitua-se coleta seletiva como a coleta dos resíduos sólidos separados por constituição ou composição (BRASIL, 2010), triados por seus tipos de materiais e livres de rejeitos.

Tendo então o CBO a descrição aproximada do trabalho real executado por estes associados.

Durante esta pesquisa o tempo de trabalho dos catadores na associação variou de 8h/dia e 4h/dia, em razão do fluxo do material que chegou até o barracão e segundo o ex-presidente, também da má vontade dos associados e o cansaço que trabalhar 8h diárias gera.

Gerando um manual de Segurança do Trabalho que não está escrito nem formalizado, mas que oralmente circula entre os trabalhadores e eles partilharam inúmeras vezes isto comigo, ao me indagar se eu havia levado luvas para o trabalho, casaco para a volta para casa, “pois no caminhão venta muito quando estamos na BR”, me ensinando a sentar na carroceria do caminhão quando entrávamos na estrada de terra que dá acesso ao barracão, demonstrando companheirismo e cooperação.

A triagem na AGECO não possui baias individuais de trabalho como em outras cooperativas/associações os catadores se separam em grupos e atacam a pilha de resíduos deixada no piso pelos caminhões da coleta seletiva, reunidos primeiramente em grupos de afinidade e a medida que a pilha diminui há uma

cooperação para terminar o trabalho e após o término total eles varrem e asseiam o espaço da associação.

A separação ocorre pelo tipo de material em *bags*, estes são grandes sacolas tecidas de fibras plásticas resistentes, usadas para armazenamento e transporte do material coletado, triados em:

- Papelões, papéis coloridos e brancos;
- Caixas de leite, o cheiro do leite azedo devido as caixinhas não serem lavadas antes de mandar para a reciclagem é algo bem incômodo e causador de problemas sanitários, como moscas.
- Latinhas de refrigerante;
- Latas maiores e outros metais;
- Plásticos, embalagens de gêneros alimentícios, como garrafas pet, embalagens de óleo vegetal, produtos de higiene;
- Sacolas plásticas, as comuns de mercado e os invólucros de verduras;
- Vidros também ganham um *bag* só para eles, exceto algumas garrafas de bebidas retornáveis que são separadas dos outros vidros. A venda desta categoria de resíduo também é diferenciada vindo um caminhão específico para eles em um espaço de tempo maior e não diariamente como para os outros resíduos.
- Embalagens de sprays como desodorantes, inseticidas, também são separados, pois possuem um valor de venda maior que outros materiais.

A separação dos materiais pode variar de associação para associação, sendo o mercado para esses materiais o balizador dessa triagem.

Um fato preocupante é a inexistência de prensas, elas até existiam na associação no início das visitas, mas já não funcionavam devido ao roubo da fiação elétrica de todo o barracão.

Para acomodar e acondicionar melhor os materiais dentro dos *bags*, forçando um dos associados a subir no *bag* e “prensar” com as próprias pernas os materiais e assim fazer caber mais materiais em cada *bag* que ao fim do dia será carregado no caminhão e levado até a empresa que compra os materiais segregados por eles sem que haja a pesagem na presença deles, ou seja, o pagamento pelos materiais segregados ocorre na “confiança” e quinzenalmente.

Quando o associado responsável por fazer a prensagem “manual” subiu pela primeira vez em um *bag* para fazer tal movimento me ofereci para segurar o *bag* e assim ajudá-lo ao que ele me respondeu:

“Não, eu não caio não”.

Esta fala exemplifica as ideologias defensivas descritas por Dejours (1992) quando coloca que essas atitudes de negação do risco são uma ocultação da vivência cotidiana do medo, tendo assim a função psicológica de preservar a saúde mental dos trabalhadores, sendo ela coletiva e dependendo da aceitação de todos, o que de fato no ambiente da AGECO ocorre, pois nenhum dos colegas para o trabalho quando o responsável sobe nos *bags* ou um deles se machuca. Caso o medo fosse recorrente durante o trabalho este não ocorreria reitera Dejours (1992).

Percebi que o meu incômodo com o ato da subida nos *bags* fazia todos pararem e me olharem e como reforça Athayde (1996), esta importância para o perigo que eu dava, reforçava ele e, como colocado pelo autor poderia intensificar efeitos negativos, citando a ansiedade e a dificuldade de realizar determinadas tarefas.

Estas citações também cabem ao fato de como se locomovem na ida e volta do trabalho, na caçamba de um caminhão, muitas vezes sob chuva ou usando os próprios *bags* cheios de resíduos como acentos para retornar aos lares. Quando questionei sobre o risco e a contravenção do tipo de transporte deles uma das catadoras me disse:

“Quem perde a carteira é o motorista”.



Figura 13: Prensas.
Fonte: Autora da pesquisa, 2016. Digital.

Na AGECO, materiais como isopor, embalagens moles de gêneros alimentícios como macarrão, feijão, arroz, não são segregadas para a venda. A quantidade de resíduos não recicláveis que chega triado como reciclável pela população é bem relevante, e eles vão acondicionando em sacos plásticos maiores (como de ração de cachorro) e depois depositam em uma pilha que posteriormente é recolhida pela retro-escavadeira e levada até o container da empresa terceirizada que está recolhendo os resíduos gerais da cidade.

Dentre os resíduos que são descartados pela população, como bonecas, aparelhos eletrônicos (celulares) e resíduos que não deveriam chegar até eles, por exemplo, seringas e agulhas o que aponta os riscos de contaminação aos quais eles estão expostos.

O Ministério da Saúde a partir da Secretaria de Atenção à Saúde no Departamento de Ações Programáticas Estratégicas descreve os riscos da Exposição a materiais biológicos recomendando que acidentes por material perfurocortante, devem ser avaliados imediatamente após o ocorrido, utilizando-se

de condutas, que diferem para cada tipo de vírus, para verificação das exposições ocupacionais a materiais biológicos potencialmente contaminados com o HIV, vírus da imunodeficiência humana; vírus da hepatite B; e o HCV, vírus da hepatite C; (Brasil, 2006).



Figura 14: Pilha de rejeitos.
Fonte: Autora da pesquisa, 2016. Digital.

Ao segregar os resíduos, encontrei uma sacola com muitas meias em bom estado e perguntei o que eles fariam com elas, uma das trabalhadoras pegou pra ela, esta mesma que em outra ocasião disse usar as roupas que encontra para trabalhar devido ao fato que a atividade por eles exercida estraga muito as roupas.

É bem nítido que as pessoas vêem a Coleta Seletiva como um lugar de depósito do que os cidadãos não sabem onde descartar ou quem sabe querem descartar de forma “menos incorreta”, como o aparecimento de celulares estragados, pilhas, roupas velhas, bonecas e até uma tesoura de poda.

Em alguns momentos durante o trabalho eles dirigiam as falas para mim:

“Se você visse a quantidade de bicho que tinha no meio destes lixos antigos”.

Se referindo a uma pilha enorme de resíduos que tinha quando fui a primeira vez na associação trabalhar com eles, e em outras eu sentia que eles queriam que eu ouvisse veladamente: “se tivesse emprego na cidade nós não tava aqui” ou comentando na hora do intervalo sobre verbas mensais que deveriam ter chego até a associação mas não chegaram, eles estavam felizes com a mudança da diretoria da associação pois agora saberiam o que estava acontecendo, o desconforto e indisposição com o antigo presidente era bem evidente na hora do intervalo de descanso deles, quando o ex-presidente ficava de um lado e eles de outro.

Singer (2000, p.12) conceitua trabalho informal como um “desaguadouro de toda a força de trabalho que desistiu de procurar emprego ou deixou de contar com suporte material para fazê-lo”. Tendo processos de trabalho instáveis com técnicas rudimentares de produção, pouca qualificação dos trabalhadores, baixa produtividade e renda (JAKOBSEN, 2000).

Gaiger e Asseburg (2007) citam que apesar das características supracitadas esta modalidade de trabalho torna-se uma saída importante aos trabalhadores que ficaram à margem do desemprego por diversos motivos, como se observou na fala acima da mais jovem associada da AGEÇO.

Durante a pesquisa, tornou-se elemento chave o “presidente” tanto de forma positiva como negativa, não só pela liderança exercida como pela força e entusiasmo demonstrados nas questões referentes à organização e também como alicerces na fundamentação e trato com questões e pessoas externas. Compelindo à ele pelo estatuto da referida associação, organizar questões financeiras, reuniões, representar a associação externamente e supervisionar as atividades da mesma.

Por mais importante que seja o “presidente” da associação, ele é um membro igual aos demais, todavia eleito para representar e ter funções a mais dentro da associação. Na prática diária do trabalho, o presidente era o que ficava organizando os *bags*, puxando materiais maiores que chegavam à triagem, como caixas de televisores, latas de tintas, carrinhos de jardinagem, ou era ele e mais um associado que puxavam os *bags* já cheios e traziam vazios, ou atendia as visitas que chegavam à associação, pessoal da prefeitura ou compradores de materiais.

Mesmo no meu repetido olhar sobre todas as fotos, a figura 13 foi uma surpresa, para mim o que aparecia era somente os *bags* e isto poderia significar somente o “resultado” do trabalho de catação, triagem e dinheiro. Todavia no círculo de conversa uma das associadas enxergou a camiseta do presidente e comentou:

“O Valdir aparece em quase todas as fotos, veja mesma camiseta que você”

“Nós tentamos tirar fotos de você”



Figura 15 Negativo: O atual presidente da associação.
Fonte: Associados AGEÇO, 2017, analógica.



Figura 16 Positivo: O atual presidente da associação.
Fonte: Associados AGEÇO, 2017, analógica.

Em umas das idas ao campo, o caminhão chegou mais cedo, ajudei a carregar o caminhão com os *bags* e voltamos para a cidade em cima deles, misturados aos resíduos.

Eles permanecem indignados com a sujeira que o material chega até a associação, contendo restos orgânicos, papéis higiênicos e com a pouca quantidade e “qualidade”, sendo por eles chamados de material de boa qualidade os materiais mais caros, como painéis e outros metais. Estes até são guardados em uma sala fechada dentro do “barracão” da associação. Outro ponto de indignação deles é o fato de alguém estar pegando o material “de qualidade” deles no meio da cidade.

Outro fato que me chamou bastante a atenção foi uma das catadoras levar livros encontrados entre os resíduos para os filhos. A importância da educação para os filhos e a repercussão da fabricação das latas/câmeras se observa em duas falas a mesma catadora que disse que o filho tinha visto na internet sobre as fotos nas latas.

“Meu filho disse que viu na internet”.

“Lá em casa eu fiquei pensando, será que ia sair ou não”.

4.2 O NEGATIVO DAS FOTOGRAFIAS E O POSITIVO DAS FOTOGRAFIAS

O interessante de revelar, positivar as fotos, é perceber que o que importa de verdade é o trabalho de cada trabalhador, pois mesmo se utilizando da tecnologia (produtos químicos, computador, programa *Photoshop*) não se concerta o que seria a parte de cada trabalhador, o fotografar.

Oliveira (2011), já citava essa duplicidade de sentidos que o lixo traz, bom/ruim, inclusão/exclusão, saúde/doença, orgulho/humilhação. Sendo o meio de vida dessas pessoas sem deixar a conotação negativa, de asco, discriminação e preconceito construída socialmente em torno dele, fazendo seus trabalhadores terem a noção que desenvolvem um serviço sujo, mas ganhando dinheiro por eles considerado limpo (MIURA, 2004).

E se fossemos analisar essa dualidade? O que diríamos diante de um cenário tão atroz como a AGECO? Flick (2004) aponta outras vantagens do uso da fotografia nesse intento, pois as câmeras não são corrompíveis em sua documentação do mundo, não esquecem, não cansam e não erram.

No início da discussão eles estavam receosos de falar sobre as fotos, pois as fotos da etapa “A” saíram na maioria queimadas ou bem difíceis de enxergar alguma coisa. A causa disso pode ter sido a luz que entrou pelas tampas das latas que descascaram devido à camada muito grossa de spray passadas nelas.

Mesmo as fotos não nítidas e não anexadas nesta dissertação fizeram com que uma das catadoras incitasse a discussão com certa adivinhação e imaginação:

“Nesta aparece uma boca, olho”...

Assim a Clínica da Atividade se pôs em serviço, estimulando o diálogo entre os trabalhadores, mobilizando o coletivo, auxiliando a compreensão do campo de trabalho, transformando a passividade em atividade (MEMÓRIA-LIMA, *et. al*, 2015). Logo a discussão começou a desenrolar mais fluída, com falas sobre as fotos:

“Eu tirei dos *bags*”.

“Eu tirei do barracão, da gente trabalhando”.

Muito mais do que o real e prescrito, a ACT enxerga os sentimentos relacionados ao trabalho (SILVA *et. al.* 2016), logo materializados pelas fotos. Assim as Associações de Catadores surgem como forma de proteção ambivalente Oliveira (2011) e Nascimento (2009) subjetiva e física para o trabalho destes catadores para esses autores “associar-se” tem potencial de dissolver desigualdades e discriminações da sociedade, dando pertencimento, enaltecendo a prática da autogestão, poder decisório, apropriação coletiva do capital e decisões democráticas por meio da autogestão.

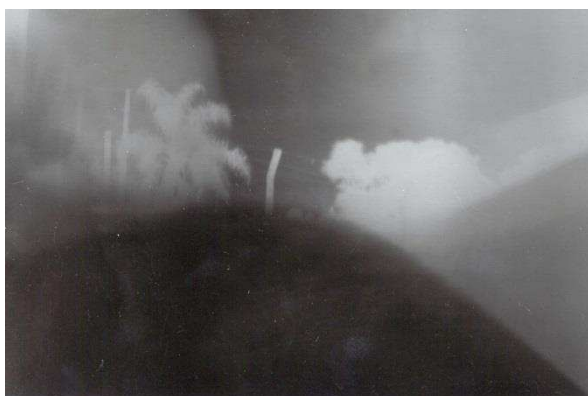


Figura 17 Negativo: As cercas da associação no positivo.

Fonte: Associados AGECO, 2017, analógica.



Figura 18 Positivo: As cercas da associação no positivo.

Fonte: Associados AGECO, 2017, analógica.

“Da parte ali de trás está tudo arreventado”.

“Colocam a cerca num dia no outro tá tudo arreventado”.

Em pesquisa com catadores de Guarulhos-SP, Miura (2004) sincronicamente descreve o sumiço de alguns materiais devido ao alto valor que a sucata e o alumínio têm no mercado da reciclagem, fazendo com que até as pessoas que não sobrevivem da reciclagem disputem ou como ocorreu na AGECO, roubem este material. Este sumiço do material de maior valor desanima os associados, pois assim verem seus ganhos diminuir.

“Roubaram as coisas só de valor, panela, metal, levaram tudo, quando chegemo cedo não tinha nada mais, depois de pronto”.

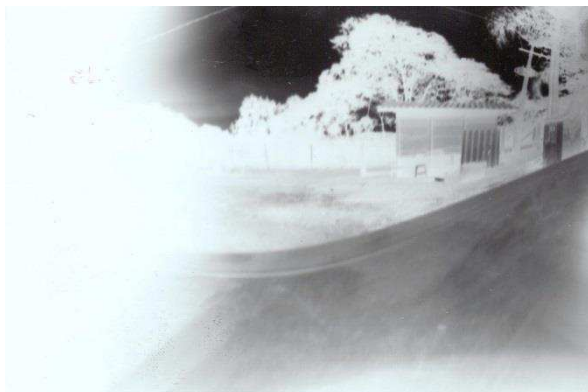


Figura 19 Negativo: A guarita do guardião e o banco vazio.
Fonte: Associados AGEÇO 2017, analógica.



Figura 20 Positivo: A guarita do guardião e o banco vazio.
Fonte: Associados AGEÇO 2017, analógica.

“No dia que o guardião devia vir ele não vem”.

“O guardião tá aqui para cuidar de nós”.

Em uma das primeiras vezes que fui até a associação algo que me chamou muito atenção foi o gesto de um trabalhador da prefeitura que estava lá de passagem, ele bateu com um facão no muro que divide o barracão, nitidamente constringendo todos do recinto como se com esse gesto dissesse para todos terem cuidado com o que relatavam.



Figura 21 Negativo: Exemplo de foto não nítida, mas que se percebe o barracão da associação.
Fonte: Associados AGEÇO, 2017, analógica.



Figura 22 Positivo: Exemplo de foto não nítida, mas que se percebe o barracão da associação.
Fonte: Associados AGEÇO, 2017, analógica.

Alencar *et. al.* (2009), Miura (2004) e Oliveira (2011) deixam claro que estar ligado a uma associação/cooperativa gera um sentimento de pertença a uma dada classe trabalhadora, gerando segurança física e monetária que o trabalho de

carrinheiro nas ruas não traz e ter um local “seguro” de trabalho, os fortalece e gera uma melhora perene em sua saúde.

Num universo de 60 fotos das quais 18 saíram com alguma imagem, desde as primeiras revelações era nítida a intenção de fotografar o barracão onde o trabalho ocorre. Fato evidenciado pela maioria das fotos tiradas pelos associados da AGECO e pela fala a seguir.

“Situação que tá o barracão”.

Sobre doenças ocupacionais, nos turnos que trabalhei com eles, foram mencionados cortes, dores nas costas, mas apenas no dia que se começa a trabalhar “depois acostuma”, ou seja, cria-se uma capacidade adaptativa ao trabalho (PORTO *et. al*, 2004). Recolher os materiais a partir do piso é apontado em outras pesquisas como pouco ergonômica e causadora das dores nas costas de quem realiza esta tarefa (ANTONIO, *et. al*. 2016. p. 330) e no caso da AGECO a inexistência de esteiras de trabalho prejudica mais ainda o trabalho desses profissionais.

Uma das senhoras relatou espontaneamente uma doença de pele que não conseguiu curar, nessa frase podemos mesclar o conceito de Saúde, colocado no referencial teórico, como sendo a capacidade adaptativa em continuar trabalhando mesmo tendo uma doença, não obstante trabalhar doente ou o adoecimento não deveriam ser tidos como comportamentos normais.

Mesmo em todo o tempo do trabalho com eles em campo, doenças respiratórias foram mencionadas. Todavia na seguinte fala o poder da subjetividade das fotos é evidenciado:

“Essas fotos estão iguais nossos pulmões”.

“Me desculpe mas essas saíram feias”.

Doenças respiratórias são citadas em trabalhos sobre esta categoria profissional, sem, contudo explicitar quais delas, patógenos ou alergênicos as causam. Ou se elas viriam dos resíduos ou de hábitos dos próprios associados, como o tabagismo.

Alguns autores como Eigenheer e Sertá (1992, apud. Portilho, 2006) apontam que hábitos de vida desses profissionais, condicionados por sua classe social podem causar tais doenças, sem elas estarem relacionadas com o contato com os resíduos, o que não desmerece os estudos com esses profissionais, mas indica um bom campo para novas pesquisas (CARDOZO, 2009).



Figura 23 Negativo: “Alvéolos pulmonares”.
Fonte: Associados AGEÇO, 2017, analógica.



Figura 24 Positivo: “Alvéolos pulmonares”.
Fonte: Associados AGEÇO, 2017, analógica.

Porto *et. al*, (2004) e Oliveira (2001) obtiveram resultados iguais quanto ao conceito de doença para esta classe de trabalhadores, sendo ela somente a incapacidade de ir trabalhar. Portanto para eles, o único dos associados doentes seria o ex-presidente, afastado da associação no fim desta pesquisa.

Quanto ao uso de EPI's a maioria usa luvas próprias para o trabalho, bonés e calçados fechados e nenhum usou máscaras nas vezes que estive na associação. O uso de EPI's é relatado como incomodo e não adaptado as condições laborais reais das associações tanto na AGEÇO como em outras, igualmente relatado por Horst (2015).

O preconceito nunca foi citado por eles, nem a troca de emprego e sim, a esperança na melhora das condições de trabalho decorrentes da reforma da estrutura física do barracão da associação e a conscientização da população em relação a correta segregação dos resíduos.



Figura 25 Negativo: O barracão da associação.

Fonte: Associados AGEÇO, 2017, analógica.

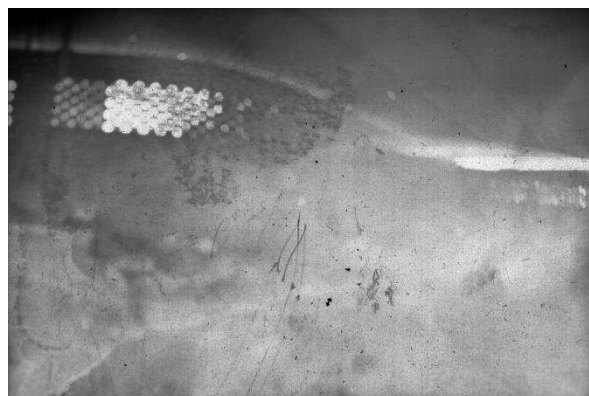


Figura 26 Positivo: O barracão da associação.

Fonte: Associados AGEÇO, 2017, analógica.

Kalleberg (2009), deixa claro que a precarização de qualquer ambiente laboral influencia o mundo fora do trabalho, quando os empregadores isentam-se das responsabilidades, no caso AGEÇO a reforma do barracão que ainda não ocorreu e os riscos advindos da exposição ao sol, falta de esteiras, dentre outros, são assumidos pelos trabalhadores.

O barracão da associação serve de moradia para animais “domésticos” como cães e gatos, nas minhas visitas eu sempre os enxergava e conversava sobre eles com os associados, no dia da discussão o seguinte diálogo sobre uma foto não nítida me deixou intrigada:

“Metade de um gato, é um gato? Não, era um cachorro que estava deitado?”

Refletindo sobre as falas e também com as lembranças dos dias de trabalho com eles, conclui que a presença desses animais se deve ao fato deles encontrarem alimentos entre os resíduos, coisa tão reclamada pelos associados, pois os mesmo deveriam chegar livres de resíduos orgânicos até a triagem e separação.

Sem esquecer os ratos, insetos, lesmas, caracóis que também se alimentam dos restos orgânicos que chegam até a AGEÇO, servindo também de alimento a animais peçonhentos como aranhas, aumentando o risco de doença aos quais esses trabalhadores ficam expostos a acidentes ocasionais (LUTINSKI e SOUZA, 2009).

“Vindo muito misturado o lixo, quase só rejeito e não material”.

Findo essa discussão com a foto que provocou maior furor, lágrimas nos olhos na sua revelação, admiração entre os amigos e os olhares mais abismados durante a discussão sobre o trabalho dos catadores.

E que gerou o diálogo mais efusivo e cheio de significados, quando um dos trabalhadores pediu que eu enviasse pelo celular a foto dita por eles como perfeita, para que ele mostrasse aos amigos “da cidade”

-“Eu gostei daquela foto porque saiu o barracão inteiro”.

-“Porque lá na minha cidade?”

Como se o barracão fosse realmente desconectado, saneado da cidade,

-“Minha cidade? Mas você não mora aqui? Moramo tudo aqui! A tua cidade é essa”

-“Mas eu to falando que essa é nossa forma de trabalhar”

Evidenciando o reconhecimento no processo do trabalho,

-“Mas você falou na minha cidade ninguém conhece”

-“Ele tá emocionado com a foto”

-“É para falar da foto” repreende um colega,

outra diz “fale o que você faiz”

Mas o associado continua

“Isso aqui é o nosso trabalho”.



Figura 27 Negativo: Este é o nosso trabalho.
Fonte: Associados AGEÇO, 2017, analógica.



Figura 28 Positivo: Este é o nosso trabalho.
Fonte: Associados AGEÇO, 2017, analógica.

Esta perfeição dita por eles, é o reflexo da reação vencedora do diálogo

interior , dentre tantas outras reações não nítidas (Clot, 2004)

Como confirmou Dejours (2000, p. 34-35):

Quando a qualidade de meu trabalho é reconhecida, também meus esforços, minhas angústias, minhas dúvidas, minhas decepções, meus desânimos adquirem sentidos. Todo esse sofrimento, portanto, não foi em vão; não somente prestou uma contribuição à organização do trabalho, mas também fez de mim, em compensação, um sujeito diferente daquele que eu era antes do reconhecimento. O reconhecimento do trabalho (...), pode depois ser reconduzido pelo sujeito ao plano da construção de sua identidade (...) a identidade constitui a armadura da saúde mental (...). Não podendo gozar os benefícios do reconhecimento de seu trabalho nem alcançar assim o sentido de sua relação para com o trabalho, o sujeito se vê reconduzido ao seu sofrimento e somente à ele.

Bem na hora do fim da conversa chegou mais material na associação e eles voltaram ao trabalho, como se o chegada do caminhão fosse um despertar, um alento para eles, afinal quanto mais material chega maiores são os dividendos aos quais eles têm direito.



Figura 29 Negativo: Caminhão da coleta seletiva.

Fonte: Associados AGEÇO, 2017, analógica.



Figura 30 Positivo: Caminhão da coleta seletiva.

Fonte: Associados AGEÇO, 2017, analógica.

4.3 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Desde a fabricação das câmeras pode-se perceber os efeitos da ACT neste grupo de trabalhadores, liberando sentimentos, como os descritos e ilustrados pelas falas a seguir:

- Alegria/sorrisos
- Posse: “eu fiz um M na tampa da **minha**”
- Dúvida: “será que sai foto mesmo”

-Expectativa: “eu quero ver essa foto”

Na entrega para a segunda etapa das fotos após eu relatar que a maioria das primeiras haviam “queimado” disseram “tomara que saia alguma coisa dessa vez”, foi o comentário após falar sobre a queima das fotos. E também teve um comentário em tom alegre “teremos que tirar mais fotos?” Ao que eu “respondi que sim.

Um fato relevante foi quando um dos catadores encontrou um líquido que cheirava a vinho e os demais experimentaram e ficaram discutindo o que seria aquilo, e desaconselhando o colega a continuar a beber.

Sobre renda externa a associação, o único que mencionou trabalhar como carrinheiro nas manhãs que eles não vão até a associação foi o ex presidente da associação. As mulheres comentavam sobre trabalhos domésticos, como cuidar da casa, dos filhos e do marido.

Outra fala significativa que indica o estigma de uma profissão sobre outra foi da catadora mais jovem:

“Melhor trabalhar com isso do que ser prostituta”.

Contudo quem garante que uma prostituta não pense que “é melhor trabalhar com isso do que coletar lixos?”

Em uma das minhas idas até a associação, conversei com o gerente de saneamento da cidade que disse achar interessante colocá-los como fotógrafos da sua profissão pois o que para nós pode ser uma profissão difícil, para ele pode ser bela. Tendo assim a fala de um associado, enorme sentido:

“As fotos no negativo saíram melhor”



Figura 31 Negativo: Associado em hora de descanso.

Fonte: Associados AGEÇO, 2017, analógica.



Fonte: Associados AGEÇO, 2017, analógica.

Figura 32 Positivo: Associado em hora de descanso.

O tamanho dos furos feitos por eles podem ter causado a queima da maioria das fotos feitas por eles na etapa A, por isso acabei reduzindo internamente os furos para as etapas seguintes. O que surtiu efeito, já que a etapa B foi a que mais teve fotos “aproveitáveis” e na etapa C, algumas fotos se mostraram mais ousadas, o que também pode ter comprometido a qualidade das fotos, já que uma das prerrogativas para a foto *pinhole* ficar nítida é o usuário manter ela fixa durante o tempo que o obturador estiver aberto.



Figura 33: Exemplo de furo maior que o desejável.
Fonte: Autora da pesquisa, 2017, digital.

Esta ousadia e movimento na etapa C, de fotografar e revelar, foi verificada na hora da revelação das fotos, porém o fixador utilizado no processo de revelação estava fraco e as fotos acabaram perdendo a qualidade no intervalo entre revelá-las e digitalizá-las.

Algumas fotos desta etapa apareciam corpos “em movimento” como se o fotógrafo tivesse chego perto do objeto de registro e se movimentado nesse processo. Gerando em mim assim um sentimento ambíguo, tristeza por elas terem perdido a qualidade com o tempo, e alegria por perceber que eles se divertiram e

mergulharam no processo. Como indica esta fala de uma das trabalhadoras ilustrando como foi o processo deles tirarem as fotos:

“Tava todo mundo trabalhando”.

Para finalizar as falas, elas chamam mais uma vez o presidente para se pronunciar por eles:

“Só se o presidente”.

Ao que ele respondeu:

“Bem legal”.

“Eu nunca sabia que uma latinha assim pudesse tirar foto”.

Como diria Luis Fernando Veríssimo no texto “O Lixo” retirado do seu livro “O analista de Bagé”, os resíduos de uma pessoa podem indicar várias coisas sobre a vida de quem os descarta, no trabalho com eles podia se verificar a classe social de quem os descartou, pelas embalagens que vinham nos sacos pretos, bem como quando os resíduos eram de algum escritório, composto basicamente de copos plásticos sujos de café e papéis brancos amassados.

“Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...

-O meu quê?

- O seu lixo.

- Ah...

(...)

- Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.- No seu lixo ou no meu?”

5 CONCLUSÃO

Sim, o potencial da pesquisa seria muito maior se todas as mais de 60 fotos tivessem saído minimamente nítidas, mas vejo que é assim que se faz o Trabalho nosso de cada dia, nem todas as nossas ações são positivas ou às vezes não se demonstram melhores que as negativas, nem todas as negativas são as piores, ou geram percalços.

Dentro de um coletivo o agir de um afeta o outro, o fato deles ao fazerem suas próprias latas terem usado uma camada demasiada de spray, o que exigiu um tempo de secagem muito maior do que no dia do piloto, quase atrapalhou eu entregar as latas carregadas com o papel fotográfico no mesmo dia, pois o laboratório de fotografias estava quase fechando.

Este, falar em coletivo sem um questionário específico para cada trabalhador como temos em outras metodologias ao mesmo tempo em que esconde histórias particulares revela o sentido de uma história COLETIVA, a história do Trabalho na Comunidade AGECO.

A ACT é uma metodologia nova de pesquisa e tem pouca produção acadêmica a utilizando ela busca em suma uma melhor relação dos trabalhadores com seu trabalho, portanto tornar os catadores fotógrafos dele visou dar-lhes um novo olhar sobre ele, e que as mudanças possíveis não sejam estáticas nem definitivas, mas dêem frutos que todo o grupo possa se apropriar através da revelação material do seu olhar de trabalhador esquecido pelo poder público e pela população.

Mostrar as fotos “físicas” foi uma ferramenta que respondeu de forma bem satisfatória ao processo participativo. Na conversa final com eles muitas vezes percebi o abandono da rigidez do trabalho, vindo do brincar, construir e socializar o produto do seu trabalho.

As fotografias foram como extensões do olhar desses trabalhadores materializando, as falas muitas vezes emudecidas pelo sentimento de isolamento e descaso e ao mesmo tempo trazendo beleza, arte e movimento na rotina da AGECO.

As câmeras *pinholes* conseguiram reproduzir partes do dia a dia desses trabalhadores, superando o âmbito da tecnologia desenfreada, obsolência

programada, dando vida ao que era só mais um rejeito, dando um terceiro olho inquiridor ao trabalhador para desvendar tramas simbólicas da sua atividade.

O reconhecimento do trabalho deles na “foto perfeita” teria realmente surgido da significação do seu trabalho, que para eles é perfeito ou seria uma mera resposta a constante questão “o que você faz no seu trabalho?” e ao nosso apelo ocidental pelo belo e “perfeito”?

E o pedido de receber as fotos via arquivo digital no celular para mostrar como é o trabalho deles para os amigos, o comentário de “chamar a RPC” para ver o trabalho deles já me dá a certeza que o objetivo proposto de revelar, reconhecer o trabalho deles, tanto para eles próprios como para a sociedade foi cumprido.

Da mesma forma que a pesquisa com os caminhoneiros utilizando ACT conclui, caso os objetivos da Lei dos Caminhoneiros fossem cumpridos pelas autoridades, e aqui os objetivos da Política Nacional de Resíduos Sólidos, o trabalho destes profissionais teriam condições mais dignas, humanas e seguras e não ficariam a mercê do lucro e interesses unilaterais onde o trabalhador exerce somente um papel utilitário de máquina sem ter direito a saúde no seu conceito integral e não apenas ausência de doença que o mantém apto a ser produtivo.

Para finalizar o reconhecimento do próprio trabalho bem feito é uma forma de produzir Saúde no Trabalhador, portanto a ideia de fazer uma exposição das fotos por eles produzidas será concretizada. Buscando assim não só mais uma forma deles olharem para sua profissão, como também mostrar para a população e governança qual o seu papel na manutenção da saúde ampla deste trabalhador.

6 REFERÊNCIAS

ACHUTTI, L.E.R. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

AGUIAR, L.B. **O lugar e o mapa**. Cad. Cades, v.23, n.60, p139-38, 2003.

ALENCAR, M. C. B; CARDOSO, C. C. O; ANTUNES, M. C. **Condições de trabalho e sintomas relacionados à saúde de catadores de materiais recicláveis em Curitiba**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 20, n. 1, jan./abr. 2009.

ANDER-EGG, E. **Metodología y práctica del desarrollo de la comunidad**. 2ª. Edición, Buenos Aires, Editorial Lumen Hvmantitas. 2005.

ANJOS, D.D. MAGRO, R.S. **Pro-Posições**, v. 19, n. 1 (55) - jan./abr. 2008. Annablume, 2006.

ANTONIO. F. CAMPOS, S. HERMANN, A. RITZEL, A. SILVA, E.L. **Coleta seletiva e arquitetura**: reorganização do espaço interno do galpão da cooperativa de Catadores e recicladores de Santa Cruz do Sul. CAPÍTULO 15 321-335 LIVRO IPEA 2016.

ATHAYDE, M. R. C. **Psicodinâmica do trabalho**: gestão de coletivos de trabalho e modernidade, questões para a Engenharia de Produção. 1996. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Faculdade de Engenharia de Produção da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BIAZUS, P.O. **A lata faz foto?** Ah, então a lata é mágica! Estudo etnográfico sobre itinerários urbanos e a circulação de imagens e olhares em oficinas de fotografia pinhole, Porto Alegre–RS. Dissertação. Mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS. Porto Alegre. 2006.

BÍBLIA. A. T. **Deuteronômio**. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966. 23:13-15.

BRANCO, S.M. **Ecologia da cidade**. São Paulo: Moderna, 1999.

BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 25.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Exposição a materiais biológicos**. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/dire_trabalho_agentes_biol_3ed.pdf>.

BRASIL. LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências.

BRASIL. Decreto nº 7.405, de 23 de dezembro de 2010. **Programa Pró-Catador**: Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis, o Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo. Brasília: DOU, 24/12/2010.

BRASIL. Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente.

BRINGMANN, G. MACEDO, M. L. W. S. SANTORUN, K. M. T. ZINGLER, L. **Análise coletiva da atividade de vigilância em saúde do trabalhador**: A autoconfrontação cruzada como dispositivo de formação. Revista Reflexão e Ação, v16 n 2, 2008.

CALVINO, Í. **Um roteiro**. Lisboa: Editora Teorema, 1996.

CARDOZO, M. **Percepção de riscos ambientais de trabalhadores catadores de materiais recicláveis em um aterro controlado do município de Duque de Caxias/ RJ**. Dissertação Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2009.

CARVALHO, A.M.R. DAL SECCO, L.D. PEREIRA, A.C.L. **A Participação das Cooperativas de Catadores na Cadeia Produtiva dos Materiais Recicláveis**: perspectivas e desafios. PSICOLOGIA POLÍTICA. VOL. 14. Nº 29. PP. 171-186. JAN. – ABR. 2014

CEVERNY, G.C.O. LACORTE, L.E.C. SILVA, R.C, TAKAHASHI, M.A.B.C, VILELA, R.A.G. **Precarização do Trabalho e Risco de Acidentes na construção civil**: um estudo com base na Análise Coletiva do Trabalho (ACT) Saúde Soc. São Paulo, v.21, n.4, p.976-988, 2012.

CHADWICK, E. **The Sanitary Conditions of the Labouring Population of Great Britain**. 1842.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. 2ª. Ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2007.

CLOT, Y. **Le travail entre fonctionnement et développement**. Bulletin de Psychologie, [S.l.], v. 57 n. 1, p 5-12, 2004.

CORBIN, A. **Saberes e odores**— o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CURI, R.C. PEREIRA, S.S., **Modelos de gestão integrada dos resíduos sólidos**

urbanos: a importância dos catadores de materiais recicláveis no processo de gestão ambiental. In: LIRA, WS., and CÂNDIDO, GA., orgs. *Gestão sustentável dos recursos naturais: uma abordagem participativa* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2013, pp. 149-172. ISBN 9788578792824.

DAL RI, N.M. Introdução. In: DAL RI, N.M. (Ed.). **Trabalho associado, economia solidária e mudança social**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 276.

Dejours C. Addendum. In: Lancman S, Sznelwar LI, organizadores. **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2004. p. 47-104.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez Oboré, 1992.

DEJOURS, C. A.. **A Banalização da Injustiça Social**. Rio de Janeiro: FGV, 3ª Ed, 2000.

DEMAJOROVIC, J. et. al. **Os desafios da gestão compartilhada de resíduos sólidos face à lógica do mercado**. In: JACOBI, P.; FERREIRA, L.C. **Diálogos em ambiente e sociedade no Brasil**. São Paulo: ANPPAS.

DIAS, E.C. *et al.* **Saúde ambiental e saúde do trabalhador na atenção primária à saúde, no SUS: oportunidades e desafios** *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(6):2061-2070, 2009.

DOUNIS, A. B.; FUMES, N.L.F.; ROSÁRIO, E.H.; SANTOS, A.R. **A autoconfrontação: um estado da arte das produções acadêmicas disponibilizadas na biblioteca digital brasileira de teses e dissertações da capes**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.

EIGENHEER, E. **A história do lixo: A limpeza urbana através dos tempos**, Rio de Janeiro: Editora Campus, 2009.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985. p. 70.

Estatuto da Associação AGECO – Agentes Ecológicos Materiais Recicláveis de Prudentópolis.

FAÏTA, D. **Análise dialógica da atividade profissional**. Tradução e organização: Di Fanti, M. G., França, M., Vieira, M. Rio de Janeiro: Express, 2005.

FERREIRA, F. **Aqui, ali e em todo lugar. Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

FERREIRA, A.B.H. **Novo Dicionário Aurélio – século XXI**. Dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FERREIRA, L. L. **Análise coletiva do trabalho.** Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 21(78), 7-19, 1993.

FERREIRA, L. L. (2011). **Psicodinâmica do trabalho e análise coletiva do trabalho.** Travailler, 1(25), 97-107. doi: 10.3917/trav.025.0109

FERREIRA, L. L. **Análise Coletiva do Trabalho:** quer ver? Escuta. Revista Ciências do Trabalho n. 4 Junho de 2015.

FERREIRA, L. L., & IGUTI, A. M. (1996). **O trabalho dos petroleiros:** Perigoso, complexo, contínuo e coletivo. São Paulo: Scritta.

FERREIRA, L. L., DONATELLI, S., & JUNIOR, F. A. R. (2003). **Análise coletiva do trabalho de pescadores-mergulhadores de lagosta brasileiros.** São Paulo: Fundacentro.

FERREIRA, L. L., GONZAGA, M., C., DONATELLI, S., & BUSSACOS, M., A. (2008). **Análise coletiva do trabalho dos cortadores de cana da região de Araraquara, São Paulo.** São Paulo: Fundacentro.

FERREIRA, L. L., MACIEL, R. H., & PARAGUAY, A. I. (1994). **Isto é trabalho de gente?** Vida, doença e trabalho no Brasil. In L. E. Rocha, R. M. Rigotto & J. T. Buschinelli (Orgs.), A contribuição da ergonomia (pp. 215-231). Petrópolis: Vozes.

FERREIRA, S., & ALVAREZ, D. (2013). **Organização do trabalho e comprometimento da saúde:** Um estudo em caminhoneiros. Sistemas & Gestão, 8(1), 58-66.

FEUERWERKER, L. C. M. **A construção de sujeitos no processo de mudança da formação dos profissionais da saúde.** Divulgação em Saúde para Debate, Londrina, n. 22, p. 18-24, dez. 2000.

FLICK, U. (2004). **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Bookman.

FOLADORI, G. TAKS, J. **Um olhar antropológico sobre a questão ambiental.** MANA 10(2):323-348, 2004.

FONSECA, S. M.D. **A autoconfrontação:** um dispositivo metodológico para análise da atividade de trabalho da secretária. Anais do X Encontro do CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná Cascavel-PR | 24 a 26 de outubro de 2012 | ISSN 2178-7751.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURTADO, J. **Ilha das flores.** Porto Alegre: RS: sd, 1989

GARRARD, G. **Ecocrítica.** Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

GAIGER, L.I. ASSEBURG, H.B. **A economia solidária diante das desigualdades.** Revista de Ciências Sociais, [S.1], v. 50, p.499-533, 2007.

GUÉRIN, F. *et. al.* **Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia.** São Paulo: Blucher, 2001.

GURAN, M. **Fotografar para descobrir, fotografar para contar.** Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 155-165, 2000a.

GURAN, M. Considerações sobre fotografia como instrumento de pesquisa. In: **Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica.** Notas e Reflexões. XII Premio Funarte Marc Ferrez de Fotografia. 2012.

HALLACK, F. S. SILVA, C.O. **A Reclamação nas Organizações do Trabalho: Estratégia Defensiva e Evocação do Sofrimento.** Psicologia & Sociedade, 17 (3), 67-72; set/dez: 2005.

HORST, L. V. M. **A educação ambiental e sua contribuição para o desenvolvimento comunitário: o caso da cooperativa dos catadores e agentes ambientais de Irati (COCAAIR).** Irati – PR.Dissertação. Mestrado. Curso de Pós Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário (PPGDC). Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). 2015.

<http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsId=53445#.VvWnmulrLIX>, acessado em 17/03/2016.

<http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsId=53445#.VvWnmulrLIX>, acessado em 17/03/2016.

<http://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/519205-catador-de-material-reciclavel>, acessado em 08/09/2017.

<https://www.tratamentodeagua.com.br/lancamento-do-panorama-dos-residuos-solidos-no-brasil-2016/>, acessado em 08/09/2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/>>.

JAKOBSEN, K, A. A dimensão do trabalho informal na América Latina e no Brasil. In: JAKOBSEN, K,A.; MARTINS, R.; DOMBROWSKI, O. (Ed). **Mapa do trabalho informal: perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. P. 13-18.

JUSTIÇA PARA O SÉCULO 21: INSTITUINDO PRÁTICAS RESTAURATIVAS. **Iniciação em justiça restaurativa: formação de lideranças para a transformação de conflitos.** Brancher, Leoberto *et al.* (Org.). Porto Alegre: AJURIS, 2008a. 56 p.

KALLEBERG, A. L. (2009). **Precarious work, insecure workers: Employment relations in transition.**American SociologicalReview, 74(1), 1-22. doi:

10.1177/000312240907400101.

LAROCCA, P. SADALLA, A. M. F. A. **Autoscopia**: um procedimento de pesquisa e de formação. Educação e pesquisa, vol. 30, n. 3, São Paulo, dez. 2004.

LOPES, J.R.B. **Desenvolvimento e mudança social**: formação da sociedade urbano-industrial no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. 233 p. ISBN: 978-85-99662-82-3.

LUTINSKI, J. A.; SOUZA, M. F. **Avaliação do sistema de coleta de resíduos recicláveis realizado por catadores e suas implicações sociais, econômicas, ambientais e sanitárias na cidade de Chapecó - SC**. 2009. 56 p. Monografia (pós-graduação) - Faculdades Alternativas Santo Augusto, Chapecó, 2009.

MAGERA, M. **Os empresários do lixo**: um paradoxo da modernidade. Campinas, SP: Átomo. 2003.

MARASCHIN, C. **Pesquisar e intervir**. *Psicol. Soc.*, v.16, n.1, p.98-107, 2004.

MARIUZZO, P. **O sonho de um mundo sem cheiros ruins**. *Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*. São Paulo, Set. 2007.

MEDEIROS, J. A. D.; RODRIGUES, C. L. P. **A existência de riscos na indústria da construção civil e sua relação com o saber operário**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 21. 2001, Salvador. *Anais...* Salvador: ABEPRO, 2001.

MELLO, E. D, REIS, S. SANTOS, B.L.M, WILHELMS, D. M. **Cartografando territórios**: oficinas de fotografia pinhole como dispositivo de ação em saúde. *Interface, Comunicação Saúde Educação* v.16. n. 42, p. 855-62, jul/set 2012.

MEMÓRIA-LIMA, K.M.N, SILVA, C.O, SOUTO, A.P. **A pesquisa-intervenção em Psicologia do Trabalho em um aporte que toma o desenvolvimento como método e objeto**. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 27 – n. 1, p. 12-15, 2015.

MIGUELES, C. P. **Significado do lixo e ação econômica**: a semântica do lixo e o trabalho dos catadores do Rio de Janeiro. Em Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Administração – ENANPAD, Curitiba – PR. 2004.

Millar, K. **Trash ties**: urban politics, global economic crisis and Rio de Janeiro's garbage dump. In: Alexander, Catherine & Reno, Joshua (orgs.). *Economies of recycling*. London: Zed Books. (2012).

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Abrasco; 2000.

MIURA, P. C. O. **Tornar-se catador**: uma análise psicossocial. Dissertação de mestrado não publicada, Mestrado em Psicologia Social, orientadora Dra. BaderSawaia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP. (2004).

NASCIMENTO, A.F. do. **Economia popular solidária: alternativa de inclusão social ou forma oculta de precarização.** 2009. 169f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

NOVAES, S.C. **Entre arte e ciência: A fotografia na antropologia.** (Edusp, 2015).

OLIVEIRA, D. A. M. **Percepção de riscos ocupacionais em catadores de materiais recicláveis:** estudo em uma cooperativa em Salvador-Bahia. Dissertação. Mestrado. Programa de Pós-graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador – Bahia. 2011.

PORTILHO, M.F.F. **Profissionais do Lixo:** um estudo sobre as representações sociais de engenheiros, garis e catadores. Dissertação. Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro. 1997.

PORTILHO, F. **Representações sociais de profissionais do Lixo:** para além de estigmas, repulsas e tabus. In: Saúde e Direitos Humanos/ Ministério da Saúde. Brasília: Editora do Ministério da Saúde/ Fundação Oswaldo Cruz, Núcleo de Estudos em Direitos Humanos e Saúde Helena Besserman. – Ano 3, n*3 (2006).

PORTO, M,F,S. JUNCÁ, D.C.M. GONÇALVES, R.S. FILHOTE, M,I,F (M. F. S. Porto). **Lixo, trabalho e saúde:** um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil.Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20(6):1503-1514, nov-dez, 2004.

PRANIS, K. **Manual para facilitadores de Círculos.** Conamaj. Costa Rica. 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PRUDENTÓPOLIS, decreto nº 213/2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PRUDENTÓPOLIS, Lei municipal Nº 2.177/2015.

PRUDENTE, J. TITTONI, J. **A pesquisa intervenção como exercício ético e a metodologia como paraskeué.** Fractal, Rev. Psicol., v. 26 –n. 1, p. 17-28, Jan/Abril. 2014.

REZENDE, S. HELLER, L. **O Saneamento no Brasil:** políticas e interfaces. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

RIBEIRO, H. **Saúde Pública e Meio Ambiente:** evolução do conhecimento e da prática, alguns aspectos éticos. Saúde e Sociedade v.13, n.1, p.70-80, jan-abr. São Paulo. 2004.

RIGOTTO, R.M. **Saúde Ambiental & Saúde dos Trabalhadores:** uma aproximação promissora entre o Verde e o Vermelho.Rev. Bras. Epidemiol. Vol. 6, Nº 4, 2003.

ROCHA, E.A. **As mulheres e o meio ambiente,** no romance Terras do sem fim, de Jorge Amado. João Pessoa – PB. Dissertação. Mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL). Universidade Federal da Paraíba (UFPB). 2014.

ROBERTIS, C. PASCAL. H. **La intervención colectiva en trabajo social**. La acción con grupos y comunidades. Buenos Aires, Editorial Lumen Hvmánitas. (2007).

RODRIGUEZ, C. À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia: In Santos, B.S, organizador. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2002.

SANCHES D. **O trabalho de professores na educação básica pública no Piauí / Tavares, Leda Leal Ferreira, Regina Heloisa Maciel – São Paulo : FUNDACENTRO, 2008. 103 p.: il.**

SANTOS, Z. **Coleta seletiva e responsabilidade social: o caso da cooperativa de reciclagem trabalho e produção - Cortrap, em Brasília**. Monografia. Brasília, DF, Brasil. (2011).

SARAMAGO, J. **A Jangada de Pedra**. p. 162.

SCHWARTZ, Y. **Travailetergologie**.In : SCHWARTZ, Y. (Org.) Reconnaissances du travail. Pour une approcheergologique. Paris: PUF, 1997, p. 1-37.

SEGRE, M. & FERRAZ, F.C. **O conceito de saúde**.Rev. Saúde Pública, 31 538 (5): 538-42, 1997.

SENNA, G, MARQUES, A.C.S; **A política e a estética em Lixo Extraordinário: dano, dissenso e desidentificação**. Novos Olhares: revista de estudo sobre práticas de recepção a produtos midiáticos, São Paulo, v.2,n.2, p.1-17, 2013.

SILVA, A. C. G. **Catadores de lixo: aspectos sócio-ambiental da atividade desenvolvida no lixão municipal de Corumbá, Mato Grosso do Sul**. Universidade de Brasília, Dissertação de Mestrado não publicada, Centro de Desenvolvimento Sustentável. Campo Grande, MS. (2002).

SILVA, G.F.L, RODRIGUES,G.L,FEITOSA,M.J.S. **Cooperativas de reciclagem de resíduos sólidos e seus benefícios socioambientais: um estudo na COOPECAMAREST em Serra Talhada – PE**. Revista Metropolitana de Sustentabilidade –RMS, São Paulo, v.5, n.1, p.18-38, jan/abr. 2015.

SILVA, L. G. LUZ, A. A, VASCONCELOS, S. P. MARQUEZE, E. C. & MORENO, C. R. C. **Vínculos empregatícios, condições de trabalho e saúde entre motoristas de caminhão**. Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, 16(2), abr-jun 2016, pp. 153-165 ISSN 1984-6657 • doi: 10.17652/rpot/2016.2.675. São Paulo – SP.

SINGER, P.; SOUZA, A.R.DE. **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2003. p 360.

TEIXEIRA, B. A. N., & ZANIN, M. **Reciclagem e reutilização de embalagens**. Em Francisco R. A. Bidone (Org.). Metodologias e técnicas de minimização, reciclagem e reutilização de resíduos sólidos urbanos (pp. 25-26). Rio de Janeiro: ABES.

(1999).

VEIGA, T.B. **Indicadores de sustentabilidade na gestão de resíduos sólidos urbanos e implicações para a saúde humana.** Ribeirão Preto – SP. Tese de doutorado. Escola de Enfermagem Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo (USP). 2014.

VELLOSO, M.P. **Os restos na história:** percepções sobre resíduos Rio de Janeiro RJ *Ciência & Saúde Coletiva*, 13(6):1953-1964, 2008.

VERISSIMO, E. **O senhor embaixador.** São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

VERISSIMO, L.F. **O lixo**, retirado do livro *O analista de Bagé*.